

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

FRANCISCO LIMA DE ALBUQUERQUE

**A BUSCA DA LUZ COMO MÉTODO GNOSIOLÓGICO NO *ITINERARIUM*
*MENTIS IN DEUM***

Goiânia

2022

FRANCISCO LIMA DE ALBUQUERQUE

**A BUSCA DA LUZ COMO MÉTODO GNOSIOLÓGICO NO *ITINERARIUM*
*MENTIS IN DEUM***

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em filosofia

Orientador. Me. Marcos Vinícius Ramos de Carvalho.

Goiânia

2022

Dedico o presente trabalho a minha família, a saber:
Meu pai, Antônio Teles de Albuquerque,
Minha mãe, Antônia Rita de Lima de Albuquerque,
Minha irmã, Fernanda Lima de Albuquerque
Minha irmã, Mayara Lima de Albuquerque Santos e seu esposo Marcelo
Ribeiro de Albuquerque Santos

AGRADECIMENTOS

Gostaria de saldar com considerações ao Me. Marcos Vinícius Ramos de Carvalho, meu orientador pela paciência e dedicação a minha orientação para este trabalho. Também sou grato aos professores leitores, Me. Henrique Arguilar Filho e Me. Marcelo Gabriel de Freitas Veloso, pela participação neste momento importante em minha vida. Agradeço ainda a Deus pelo dom da vida, aos familiares pelo apoio, incentivo, amizade e companheirismo durante esse percurso. A ordem dos Frades menores Capuchinhos, da qual pertenço, na pessoa do provincial, Frei Clésio Meneses dos Santos, pela oportunidade de estar no âmbito universitário.

Gostaria de agradecer ao instituto de filosofia e teologia de goiás e seus colaboradores, na pessoa do diretor administrativo, Frei Edson Matias, por todos os ensinamentos transmitidos e que se servem de base para a construção do edifício do conhecimento. Esse fruto não termina aqui, mas me comprometo a leva-lo adiante.

Agradeço a fraternidade a qual pertenci nestes últimos três anos, enquanto cursava filosofia, na pessoa do guardião Frei Jussié da Silva, pela paciência e ajuda, e foram esses que estiveram sempre a disposição, incentivando e provocando na busca de conclusão dessa etapa tão importante no meu processo.

Agradeço ao meu amigo Frei Raúl da custódia do amazonas que muito me ajudou no incentivo e nas correções desse trabalho.

Devo menção honrosa aos meus colegas de turma que estiveram comigo até o findar desta etapa do meu percurso. é sabido que o Itinerarium ao conhecimento nunca se finda, mesmo quando há estagnação voluntária. Alguns ficaram pelo caminho, mas ao lado dos que concluem comigo essa etapa eu me sinto orgulhoso.

Muito obrigado a todos que estiveram diretamente o indiretamente participando desse Itinerário e digo que sem a participação de todos o presente texto não seria possível.

Gratidão

RESUMO

Boaventura, pensador do período medieval, consegue estabelecer por meio de sua obra "*Itinirarium mentes in Deum*" um percurso teórico que tem início em Deus, passa pelas criaturas por ele criadas e retornam a ele, mantendo-se a indiscutível superioridade de perfeição do ponto de partida. Assim, o homem deve recorrer ao seu próprio intelecto para acender ao ser puríssimo. A partir das contribuições platônicas, agostinianas e dionisiana, Boaventura elabora uma doutrina gnosiológica da iluminação. A busca da iluminação divina é um método para o conhecimento da verdade que somente o ser divino pode conduzir, no entanto, a alma por ele iluminada consegue reconhecer seus vestígios na criação e sua imagem e semelhança em si mesma. Por fim, para a contemplação do divino como verdade, a alma humana necessita entrar em sua mente e deixar-se iluminar pelo emanado. Boaventura apresenta Deus como a razão de todas as coisas, o ser e o bem, ou seja, ele é a luz verdadeira na qual é possível encontrar a verdade.

RESUMEM

Bonaventura, pensador de la época medieval, logra establecer a través de su obra "*Itinirarium mentes in Deum*" un camino teórico que parte de Dios, pasa por las criaturas creadas por él y vuelve a él, manteniendo la indiscutible superioridad de perfección del punto de partida. Así, el hombre debe recurrir a su propio intelecto para llegar al ser más puro. A partir de las aportaciones platónicas, agustinianas y dionisiacas, Buenaventura elabora una doctrina gnoseológica de la Ilustración. La búsqueda de la iluminación divina es un método para el conocimiento de la verdad que sólo el ser divino puede conducir, sin embargo, el alma iluminada por él puede reconocer sus huellas en la creación y su imagen y semejanza en sí misma. Finalmente, para la contemplación de lo divino como verdad, el alma humana necesita entrar en su mente y dejarse iluminar por lo emanado. Boaventura presenta a Dios como la razón de todas las cosas, del ser y del bien, es decir, es la luz verdadera en la que es posible encontrar la verdad.

INTRODUÇÃO

Boaventura é um pensador escolástico, que em sua obra, indica o caminho para o conhecer a Deus por meio do intelecto humano. Esse conhecimento se dá no processo de subida da alma a Deus, que tem sua origem a partir do desejo de repouso da própria alma. É comum que os místicos do pensamento filosófico busquem o ponto no qual a alma tem possibilidade de acesso ao conhecimento das causas das coisas. Boaventura no *Itinerarium mentis in Deum* propõe que o homem pode chegar à verdade do saber por meio de um princípio luzente que é Deus. O presente texto deseja entender como se dá esse processo em que a criatura busca a conformidade com o seu Criador.

A investigação que se segue no correr deste trabalho parte do desejo de aprofundar o conhecimento sobre a escola de filosofia franciscana da qual Boaventura é expoente, por ser o primeiro franciscano a concluir sistematização filosófica de modo completo. Os filósofos do período medieval, fieis a intuição grega deu suas contribuições para a formação do pensamento ocidental. Esses autores também conseguiram estabelecer os laços entre a fé e a razão revelada e razão filosófica, elaborando a teologia como um conhecimento sistemático.

Boaventura, como outros autores, tem interesse pelo princípio e causa primeira das coisas. Ele também aponta a necessidade presente no homem de conhecer a verdade. Na obra escolhida para a investigação desse trabalho ele fala sobre o encontro da criatura com seu Criador e a partir desse encontro há possibilidade do conhecimento, pois somente nele está a possibilidade de conhecimento da verdade.

A busca da luz como método para conhecimento é o motivo desta investigação filosófica no *Itinerarium*. Por meio da luz o homem pode ver as coisas. por meio da iluminação divina o intelecto humano é capaz de chegar à verdade como uma consequência do seu alinhamento com o seu Criador. Assim essa investigação busca entender como se dá a construção do princípio luzente anterior a Boaventura e como se desenvolve o percurso que ele apresenta como um caminho, bem como se elabora os pensamentos que contribuíram para a sua obra. Embora tratando-se de um assunto de fé, todo esse percurso dará contribuições para a filosofia, sobretudo para escola franciscana, pois é uma reflexão sobre a condição humana e o princípio do qual advém a vida.

Para atender o objetivo deste trabalho será necessário a leitura do *Itinerarium mentis in Deum*, a fim de nela buscar o que Boaventura propõe como elementos do que ele diz ser a luz divina que concede o conhecimento da verdade. No entanto, a própria pesquisa exige o estudo das fontes do pensamento bonaventuriano, por isso faz-se necessário ir a Platão, Agostinho de Hipona e Pseudo-Dionísio Areopagita. Deles vêm o conteúdo para validar e fundamentar a sua argumentação, tendo em vista que na história da filosofia há um contínuo processo de reelaboração teórica.

Boaventura sistematiza de modo filosófico e teológico o que São Francisco de Assis viveu em sua experiência mística com Deus e as reflexões feitas por ele foram usadas nas universidades e são usadas até os dias contemporâneos. O objeto de interesse do presente texto é a metafísica da luz, ou teoria da iluminação, em que ele deseja chegar ao princípio luminoso que possibilita conhecer a verdade sobre as coisas. Contudo, esse caminho não é meramente físico, mas se dá na busca da alma a um meio que é metafísico, que está além do que é aparente ou dado pelo mundo sensível.

Ele traça um caminho a ser seguido em sua obra *Itinerarium mentis in Deum*. Entretanto, antes do presente texto discorrer estritamente sobre o pensamento de Boaventura é preciso que ele se dê a partir de uma contextualização. Assim, o primeiro capítulo desenvolverá uma recapitulação da temática da luz em alguns filósofos anteriores, a saber: Platão, Agostino de Hipona e Pseudo-Dionísio Areopagita. Em seguida, o segundo capítulo percorrerá, por meio de uma leitura reflexiva, o caminho que Boaventura propõe, verificando o processo de iluminação nos degraus, por ele apresentados para que a alma chegue ao seu repouso.

Platão é da escola de filosofia clássica e escreve, de modo mais enfático, no sétimo livro da sua obra “A República” sobre o mito da caverna, no qual o homem aprisionado precisa sair das sombras da escuridão. Ali preso, ele não tinha possibilidade de conhecer a verdade sobre as coisas; seria necessário ir aos poucos para fora, para a luz do sol que ilumina as coisas e permite o conhecimento mais verdadeiro. Mas, é necessário que ele tomar cuidado para que o sol não queime a visão ao se direcionar diretamente a ele, por isso antes se deve olhar para o reflexo do sol na água.

Platão, assim como Boaventura, acredita que o homem precisa ir além do mundo sensível para estabelecer um conhecimento ao atingir o mundo intelectual, no

qual ele pode encontrar um conhecimento verdadeiro. Ele trata de um terceiro elemento que está entre o homem que vê o objeto e o objeto em si, mas que precisa da luz, o terceiro, elemento para desvelar ao homem todas as possibilidades de conhecer da mente que busca a verdade.

Dentre os autores investigados para o presente texto, Agostinho de Hipona é aquele que teve maior peso de influência no pensamento bonaventuriano. Na doutrina agostiniana, nota-se que o conhecer do homem se dá precisamente no adentrar da sua interioridade, onde a luz do Verbo brilha ao homem e lhe permite o saber. Para ele a razão humana está além de uma mera interpretação das coisas exteriores. Com a luz de Deus, a razão transcende a mera ilusão de um conhecer pelas sombras das coisas externas. Em Agostinho, o homem somente pode encontrar o conhecimento verdadeiro na ideia de Bem, que é o próprio Deus, e que é o agente iluminador de todas as criaturas.

Pseudo-Dionísio Areopagita também influenciou o pensamento de Boaventura. Ele tentou conciliar a razão e a fé e apostou numa filosofia a serviço da fé. O pensamento dionisiano concebe Deus que ultrapassa todas as realidades sensíveis e, na sua condição de divindade, perpassa todo raciocínio e todo conhecimento. Deus é luz que ilumina, com seu esplendor, onipotência, bondade e essência divina, a todas as coisas criadas e permite o conhecer de suas características, com seu brilho que pode ser comparado ao do sol que brilha e torna possível o dia.

Após tratar das fontes do pensamento bonaventuriano, o segundo capítulo, fará uma leitura comentada do *Itinerarium mentis in Deum*. Tal leitura tem o objetivo de indicar a compreensão que o autor possui do elemento luz, bem como, entender os significados atribuídos a ela principalmente no sentido gnosiológico. Visto que a obra a ser analisada esta composta por seis degraus, convém agrupar três pontos que abordaram dois degraus cada ponto. De maneira rigorosa ao termino desta pesquisa espera-se ter claro como a busca pela luz possibilita ao homem contemplar a verdade.

1 A DOUTRINA GNOSIOLÓGICA DA ILUMINAÇÃO

“Naturalmente era claro como a luz do Sol que a água normal não podia se transformar em outras coisas se não em gelo ou vapor”
(Jostein Gaarder, 1998, p. 53).

Boaventura, em sua obra, indica o caminho criativo, de uma mente franciscana que busca equilíbrio interior e conhecimento. A partir desse ponto, ele elabora sua filosofia tendo presente a experiência de Francisco de Assis¹, ou seja, ele consegue dar sistematicidade àquilo que o *poverello* viveu. Suas ideias filosóficas ensinadas no ambiente acadêmico expressam a busca por harmonia entre vida e ciência (Cf. GILSON, 2020, p.49)

In St. Bonaventure then was to be realized the extraordinarily and immeasurably fertile paradox of a genuinely franciscan soul seeking its inner equilibrium in learning, and constructing its philosophy of the universe under the pressure of the own needs. what St. Francis had simply felt and lived St. Bonaventure ways to think; thanks to the organizing power of the Poverello were to be given shape as thought; the personal intuitions of St. Francis were totally detached from science, but they were to work like leaven in the mass of philosophical ideas piled up by Bonaventure in the University of Paris, to act as principle of selection, eliminating some elements, assimilating others, drawing nourishment from aristotle as from st. augustine, yet adapting both to its use wherever it judged necessary. by what psychological ways this transmutation of values could have been affected can only be understood if we grasp how St. Bonaventure interpreted not only the rule, but the life of St. Francis (GILSON, 2020. p. 49)².

Boaventura demonstra grande interesse pela luz como elemento de investigação e faz-lhe referência como meio de conhecimento da causa primeira. Portanto, ela é condição de acesso à verdade (Cf. OLIVEIRA, 2011, p. 92). Nas obras, *Colloquium de decem praeceptis, colloquium in sex diebus creationis, Solus dominus omnium Christus, De Philosophiae reductio ad Theologiam* e sobretudo em *Itinerarium Mentis in Deum* ele considera a luz com um princípio metafísico (Cf. SILVA, 2021, p.

¹ Fundador da Ordem religiosa Católica denominada como franciscana.

² Tradução livre. (Em São Boaventura então se realizaria o extraordinário e o paradoxo incomensuravelmente fecundo de uma alma genuinamente franciscana que busca seu equilíbrio interior na aprendizagem e constrói sua filosofia do universo sob a pressão das próprias necessidades. o que São Francisco simplesmente sentirá e viverá, pensaria São Boaventura; graças ao poder organizador do Poverello, deveriam ser moldadas como pensamento; as intuições pessoais de São Francisco estavam totalmente desvinculadas da ciência, mas deviam funcionar como fermento na massa de ideias filosóficas empilhadas por Boaventura na universidade de Paris, atuar como princípio de seleção, eliminando alguns elementos, assimilando outros, desenhando alimentação de Aristóteles como de st. Agostinho, mas adaptando ambos ao seu uso onde julgasse necessário, por que meios psicológicos essa transmutação de valores poderia ter sido efetuada só pode ser entendido se entendermos como é. Boaventura interpretou não só a regra, mas a vida de S. Francisco)

82), bem como fez Platão, Agostinho de Hipona e Pseudo-Dionísio Areopagita. Esses pensadores influenciaram as suas investigações ao ponto que se pode considerá-los pilares do sistema filosófico bonaventuriano.

Platão, por exemplo, desenvolve o seu sistema metafísico a partir de um mundo constituído por ideias eternas. Na alegoria da caverna, ele apresenta a verdade como o mundo inteligível, sobretudo com a ideia de Bem, da qual depende o ser de todas as coisas. A ideia de Bem é representada pelo sol, como luz máxima que ilumina todas as realidades inteligíveis e sensíveis.

O processo de conhecimento se dá na passagem das sombras da caverna para a luminosidade do mundo das ideias. Ou seja, conhecer é um processo de iluminação que consiste no progressivo itinerário de deixar as imagens turvas da opinião que apareciam nas paredes da caverna para o luzente mundo das ideias, onde se pode contemplar a verdade do ser de todas as coisas (Cf. LEBRUN, 1989, p. 22).

O ato de livrar-se das cadeias, continuei, o virar-se, bem como a subida desde a caverna até o sol, e a impossibilidade, nesse ponto, de contemplar diretamente os animais, as plantas e a claridade solar, mas apenas suas imagens na água e as sombras divinas das coisas, não mais a sombra das imagens projetadas por nova luz, que em confronto com a do sol se torna uma outra sombra: eis a faculdade que confere o estudo das artes com que nos ocupamos (República, livro VII, nº 532 bc).

Agostinho de Hipona, por sua vez, busca conhecer a causa primeira e universal de todas as coisas. Para ele a sabedoria e a causa de todo saber humano é o próprio Deus, pois a criação é “[...] obra da inteligência imutável e invisível da sabedoria de Deus que tudo criou” (A Trindade, livro III, cap. VIII, nº 15). Ele compreende que o conhecimento se dá no interior da alma que se deixa inflamar pelo amor divino que nela atua como princípio luzente intelectual (Cf. AYOUB, 2011, p. 12).

Assim, é preferível acreditar que a natureza da alma intelectual foi criada de tal modo que, aplicada ao inteligível segundo sua natureza, e tendo assim disposto o Criador, possa ver esses conhecimentos em certa luz incorpórea de sua própria natureza. Assim acontece com o olho do corpo que vê os objetos que o cercam na luz natural, pois pode-se acomodar a essa luz, já que para ela foi feito (A Trindade, livro XII, cap. XV, nº 24).

Por fim, pode-se reconhecer a influência de Pseudo-Dionísio Areopagita por ser um autor que dá início a constituição de uma mística cristã. Seu objetivo é afirmar o homem como criatura de Deus e, por isso, existe uma disposição de retorno ao seu

criador, colocando traços da filosofia a serviço do cristianismo (Cf. BENTO XVI, Audiência: 14/05/2008). Ele afirma que Deus “[...] manifestou de si mesmo aquilo que convinha à sua Bondade” (Os Nomes Divinos, cap. I, §2, nº 588 c). O Areopagita propõe como método para adquirir o conhecimento a necessidade de buscar a luz divina, que “[...] em virtude de seu próprio ser, ilumina tudo o que existe em medida, segundo à proporção que convém a cada um, de participar dessa luz [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §1, nº 693 b), participando assim de sua essência enquanto Ser Iluminador (Cf. RAMOS, 2012, p. 32).

1.1 AS RAÍZES PLATÔNICAS

“Ao alto olhei, e já, de luz banhando
Vi-lhe estar as espaldas o planeta,
Que, certo, em toda parte vai guiando”.
(Divina comédia, canto I, nº 6)

Platão apresenta um caminho filosófico³ entre ele e seus interlocutores empenhados com a busca da verdade. Por meio de diálogos e alegorias, ele demonstra a capacidade de desconstruir discursos e estabelecer conhecimento. Pela percepção dada pelos sentidos o homem pode experimentar o mundo sensível. Ao tratar dos sentidos, Platão discorre sobre a visão como uma forma privilegiada de se ter experiência do mundo. A visão, apesar de ser paradigmática como o acesso de forma mais imediata, não basta para que seja possível conhecer algo. A busca do conhecimento acontece no processo da investigação para alcançar a certeza de um saber, que seja verídico com aquilo que a alma reconheceu como ausente de dúvida (Cf. LEBRUN, 1989, p. 22).

Platão introduz um novo método para a busca do conhecimento por meio do reconhecimento de dois planos referentes ao ser. Esses planos possuem em si a capacidade de intercomunicação, de passagem do sensível ao suprassensível. O conhecimento de algo sensível, dessa forma, tem a sua causa não na realidade física, mas se explica a partir da realidade inteligível. A essa busca ele chama de “segunda excursão” (Fédon, 99d), ou segunda navegação. Ela, por sua vez, indica que o cosmo

³ Diferenciado do processo dialético dos eleatas que focam no plano físico e num monismo radical em que a realidade é constituída por um princípio único e os seres reduzidos em última instância a essa unidade.

não se apresenta mais como a realidade total, porque para além dele existe o mundo inteligível (Cf. DELCOMMINETTE, 2016, p. 307).

No diálogo Fédon, Sócrates ao ser questionado por Cebes apresenta a segunda navegação como um método de investigação em busca das causas das coisas. Nessa obra se admite que a realidade inteligível é superior à realidade sensível. É um artifício de verificação para evitar o equívoco de considerar o visível como verdade e afirmá-lo como causa verdadeira. A segunda navegação possibilita teorizar os princípios das coisas, demonstrando-os como inteligíveis e incorpóreas (Cf. DELCOMMINETT, 2016, p. 310).

O método se desenvolve como resposta à objeção de Cebes ao admitir a existência das realidades inteligíveis. A partir da hipótese de verdade indubitável, faz-se a verificação do que está de acordo ou não com a afirmação do inteligível. Assim, a segunda excursão possibilita a busca do princípio verdadeiro das coisas, fugindo do engano do falso conhecimento dado pelos sentidos, mas abrindo a possibilidade de conhecer a verdade sobre as coisas a partir da iluminação do inteligível (Cf. DELCOMMINETT, 2016, p 312).

Algumas pessoas que assim fazem estragam os olhos por não tomarem a precaução de observar a imagem do sol refletida na água ou em matéria semelhante. Lembrei-me disso e receei que minha alma viesse a ficar completamente cega se eu continuasse a olhar com os olhos para os objetos e tentasse compreendê-los através de cada um de meus sentidos. Refleti que devia buscar refúgio nas ideias e procurar nelas a verdade das coisas (Fédon, 99e).

A visão do homem é paradigmática por permitir uma rápida representação das coisas. Todavia, apesar de dar uma exposição das coisas sensíveis como constituídas de pluralidade, a visão não consegue garantir a certeza sobre a verdade, pois ela é apenas um postulado da verdade (Cf. LEBRUN, 1989, p. 21). Na alegoria da caverna, Platão diz que pela visão o homem consegue apenas possuir uma base sobre as coisas. Ali o homem pode se enganar por ver tão somente as sombras que aparecem ao fundo relacionadas às marionetes que passam atrás do muro dentro da caverna. A partir das imagens que o ele vê, simplesmente pode emitir opiniões.

Assim, depois de haver tomado como base, em cada caso, a ideia, que é, a meu juízo, a mais sólida, tudo aquilo que lhe seja consoante eu considero como sendo verdadeiro, quer se trate de uma causa ou de outra qualquer coisa e aquilo que não lhe é consoante, eu o rejeito como erro (Fédon, 99 e).

O conhecimento das coisas sensíveis é possibilitado ao homem por meio dos sentidos. Dentre os sentidos, a visão presente no olho físico é a capacidade de conhecer os objetos que se tem experiência. Contudo, o olho por si só não é capaz de diferenciar ou de tornar claro o que está sendo iluminado pela luz do sol, pois a visão, enquanto sentido, é limitada. Para se enxergar o todo de alguma coisa é preciso que o objeto esteja sob a luz, que lhe é uma realidade externa, a iluminá-lo tornando claras todas as suas partes. Assim, a visão leva a imagem do objeto ao intelecto e, por sua vez, o intelecto volta ao objeto iluminado como agente cognoscente. Para conhecer, a visão depende da luz para sua eficácia. É necessário que o objeto em questão esteja visível e com suas cores aparentes, para longe da escuridão que esconde suas informações; logo, a visão pode ser modelo do saber das coisas que pela obscuridade podem estar invisíveis (Cf. LEBRUN, 1989, p. 23).

Por mais que haja vista nos olhos e se esforce por usá-la quem a possui; por mais que neles haja cores, se não se lhes adicionar um terceiro elemento criado pela natureza para esses fins, sabes perfeitamente que a vista não verá nada e as cores permanecerão invisíveis (A República, livro VI, cap. XVIII, nº 507e).

A ideia do Bem é necessária para entender as coisas inteligíveis, pois por ele é que acontece o acesso do conhecimento humano. Essa ideia pode ser uma intuição que possibilita o conhecimento da verdade, como por exemplo o sol que ilumina as coisas e lhes torna completamente visíveis aos olhos (Cf. LEBRUN, 1989, 24). No mundo sensível, o homem usa a visão para saber das coisas, mas necessitam da luz do sol para que realmente possa conhecer. De modo semelhante, no mundo inteligível o homem usa a inteligência para conhecer as ideias, mas isso se dá por meio da iluminação do Bem. A visão do homem pode libertar-se das trevas que a torna incapaz de adquirir o saber ao entrar a presença da luz. Tanto a visão quanto a inteligência precisam de um agente externo que a dê possibilidade de acesso à existência de um objeto e a sua manifestação plena (Cf. LEBRUN, 1989, p. 24 a 25).

O conhecimento é o resultado da possibilidade do homem de enxergar claramente as formas dos objetos. Como no mito da caverna, no qual foi necessário ao preso sair da escuridão da prisão. Depois de liberto, ele pode descobrir o que antes somente conhecia pelas sombras do que se passavam diante da luz da fogueira na entrada da caverna e que eram refletidas na parede da caverna.

Observa, então, ao comprido desse murozinho homens a carregar toda a sorte de utensílios que ultrapassam a altura do muro, e também estátuas e figuras de animais, de pedra ou de madeira, bem como objetos da mais variada espécie. Como é natural, desses carregadores uns conversam e outros se mantêm calados (A República, livro VII, cap. XXI, nº 514 c, 515 a).

Para Platão a sabedoria humana se dava na abertura para a luminosidade do sol, que sendo objeto iluminador externo, dava-lhe acesso para o conhecer. Para saber qual objeto que estava na escuridão, que envolvia todo o seu ser e todas suas cores, a visão humana precisava sofrer a ação de um outro ser, como o sol que ilumina. Então o homem tem necessidade de se encontrar com a verdade acerca do Bem que são conhecimentos resultantes e participantes da justiça e das demais virtudes daqueles que são nobres de caráter. “A Ideia do bem constitui o mais elevado conhecimento, e que na medida em que participam são úteis e vantajosas a justiça e as demais virtudes [...]” (A República, livro VI, cap. XVI, nº 505 a). O bem constitui o mais elevado conhecimento e pode ser facilmente comparado ao sol, por ser ele um elemento fundamental para a visualização das coisas como de fato elas são e em suas plenas cores. Elas não poderiam ser vistas em sua complexidade sem essa luz que é externa ao que busca tal a verdade e ao objeto sobre o qual se busca a verdade (Cf. PAVIANI, 2012, p. 91 a 92).

Platão é aquele que pela arte dialética busca os saberes e que acredita no caminho deles por meio da visão que precisa de uma fonte de iluminação que retira o homem da zona de engano da escuridão e o leva à verdade dos saberes. Esses permanecem velados aos homens, mas é a iluminação divina que permite ao homem olhar de modo claro e mais de perto o objeto e torna-o capaz de afastar de toda e qualquer tipo de obscuridade acerca deles. Platão tem a visão como algo que não é o suficiente para excluir a dúvida e a não verdade. Faz-se necessária a luminosidade. (Cf. LEBRUN, 1989, p. 26).

O investigador sobre as causas das coisas precisa ser capaz de afastar-se do âmbito da escuridão e direcionar-se uma fonte de luz que consiga iluminar os objetos. Platão reconhece a visão como aquela que por si mesma não é suficiente para o conhecer. Ela é um dos sentidos e como os demais possibilita o conhecer. No entanto, em comparação aos outros sentidos ela pode oferecer uma investigação mais acertada acerca dos objetos e das coisas sensíveis. Ela precisa de uma luz externa, contudo, ela precisa de uma luz externa, como por exemplo, o sol que “[...] eu

denomino filho do bem, gerado pelo bem como sua própria imagem, e que no mundo visível está como o bem no mundo inteligível [...]” (A República, livro VI, cap. XIX, nº 508c). A luz é um aprimoramento da percepção sensorial e que ocorre de maneira sutil de forma a perceber que o objeto precisa estar sujeito a iluminação de fonte externa (Cf. LEBRUN, 1989, p. 27).

A alma humana tem forte capacidade para o aprendizado, mas somente pode aprender, quando o objeto em questão está afastado da nebulosidade, quando não está na obscuridade, mas ao contrário, está iluminado. A iluminação externa, como é a do sol, tem capacidade de transfiguração e é apropriada para mudar a relação entre o observador e o observado e somente ela pode propiciar essa relação entre ambos.

[...] a olhar para a luz, não sentiria dor nos olhos e não correria para junto das coisas que lhe era possível contemplar, certo de serem todas elas mais claras do que as que lhe então apresentavam? (A República, livro VII, cap. II, nº 515 e).

Somente se tem conhecimento sobre a verdade quando o homem possui uma visão ampla e livre das trevas. A luz possibilita a libertação do homem que é prisioneiro na escuridão na “caverna” de Platão. Antes ele estava sem saída dela e agora depara-se com a luz da fogueira e começa a identificar as sombras que eram consequência da luz. Mais adiante tem diante de si a luz do sol que é mais forte, mas que o encandeia e queima aos olhos, mas entende a importância quanto aos benefícios dessa luz e deseja voltar para a caverna para ajudar aos que ainda estavam presos.

Aqueles que ainda permaneciam nas trevas tinham a certeza de realidade quanto as sombras que viam nas paredes. As sombras eram causadas pela luz da fogueira e elas só possibilitam um conhecimento superficial, de parte da verdade. A plenitude da verdade é a compreensão que o sol possibilita, enquanto objeto externo de luz pode tornar conhecido o que antes estava na escuridão (Cf. A República, livro VII, cap. II, nº 515 e, 516 a). Sempre que algo permanece na escuridão, ele é impossibilitado de se manifestar em sua totalidade e de dar-se ao processo de conhecer a si, no que se refere a sua aparência (Cf. LEBRUN, 1989, p. 26).

O homem liberto da escuridão se abre a novos saberes e desconfia dos saberes de conhecimentos anteriores que tinha antes do acesso à luz e se questiona quanto à verdade (Cf. A República, livro VII, cap I, nº 515 e). Ele vai sofrer quando ao retornar para libertar aos outros que ainda permanecem na escuridão, pois perceberá

que alguns assim o querem, já a escuridão é cômoda e preferem manter-se nela. Isso é causado pelo ressentimento da não habituação à luz, mas de acomodação na escuridão (Cf. A República, livro VII, cap II, nº 517 a). A saída do homem para fora da caverna é possibilidade um olhar adiante em busca da capacidade agir e de tomada de consciência sobre a sua situação e desejo mudar e sair para a luz, mesmo que signifique se sacrificar até um dia chegar a total adaptação do seu corpo.

1.2 A SISTEMATIZAÇÃO AGOSTINIANA

“[...] a luz do incêndio ilumina meus passos errantes e dirijo meus olhares
para cá e para lá”.
(Eneida, livro II, p. 54).

Agostinho de Hipona oferece um caminho de descoberta das causas das coisas. Ele defende a razão humana além de aspectos transcendentais e acredita que a iluminação do homem é divina e é manifestação do próprio Deus nele (Cf. AYOUB, 2011, p.11). Ele faz a descoberta que há algo superior, isto é, “[...] o criador de todas essas formas é somente aquele que é sua causa primeira. Pois ninguém o pode senão quem tem em suas mãos, como causa primeira, a medida, o número e o peso de todas as coisas” (A Trindade, livro III, cap. IX, nº 18).

Na interioridade se desenvolve o intelecto e na exterioridade se manifesta aquilo que pode ser medido “[...] com o homem interior é dotado de inteligência, o homem exterior é dotado de sentidos corporais [...]” (A Trindade, livro XI, cap. II, nº 1). Pelos vestígios divinos nas suas criaturas, Deus as organiza e as ilumina e permite que aconteça o início do caminho de descoberta do que antes estava velado, do que ainda não era conhecido, mas que poderia já ter a sua existência antes do alcance da visão. Assim, torna-se conhecido o princípio primeiro que é “a verdade” que não é adquirida pelo homem somente por si mesma (Cf. AYOUB, 2011, p.17).

[...] na visão de qualquer corpo que seja. Primeiramente, o objeto que vemos, seja ele uma pedra, seja uma chama ou qualquer outra coisa perceptível pelos olhos. Esse objeto, evidentemente, poderia já existir antes de o vermos. Em segundo lugar, deve ser considerada a visão, a qual não existia antes o sentido ter percebido o objeto. Em terceiro lugar, a atenção da alma que mantém o sentido da vista alerta, enquanto a visão se ocupa daquele objeto. (A Trindade, livro XI, cap. II, nº 2).

O homem se vê como parte da criação e deseja a compreensão do que está a sua volta, para poder gozar dos bens eternos que está na demais criaturas, pois já não há contentamento em ficar nas sombras refletidas nas paredes da caverna. O que há agora é o anseio e desejo pela libertação e pela descoberta do que está fora da escuridão da sua prisão, ele deseja ser mais forte, quer alcançar aquilo que os olhos não podiam ver. A sua razão busca algo que está externo à realidade obscura e opressiva e ele deseja compreender a sua existência que pode sentir um pouco com a ajuda dos sentidos corporais.

Eu penso, antes, que seria pela razão que nós compreendemos a existência desse certo sentido interior, ao qual os cinco sentidos externos transmitem todos os seus conhecimentos a respeito dos objetos. Pois por um sentido é que o animal vê e por outro que ele evita ou busca aquilo que viu (O Livre Arbítrio, livro II, cap. III, nº 8).

O mundo é composto de coisas que podem ser nomeadas, ou seja, conhecidas (Cf. XAVIER, 1989, p. 43). O homem, no seu desejo pelo conhecimento e pela busca da verdade, volta-se para as coisas que são cognoscíveis (Cf. AYOUB, 2011, p.17). É o intelecto que confere peso e movimento e possibilita a voltar-se para si mesmo à procura da noção de si e das coisas, pela sua capacidade de ser racional, que por sua vez, precisa da memória, da inteligência e da vontade. Mas, é pelas realidades sensíveis, pelos sentidos do corpo e de sua condição humana, que o homem consegue compreender o que é criado por Deus, conforme Agostinho apresenta em sua obra “A Trindade” (Cf. AYOUB, 2011, p.18).

Em consequência de nossa condição humana, que nos converte em seres mortais e carnis, lidamos mais fácil e familiarmente com as realidades visíveis do que com as inteligíveis. Ainda que aquelas sejam exteriores e estas interiores; e que percebamos aquelas pelos sentidos do corpo, e estas as compreendamos pela mente (A Trindade, livro XI, cap. I, nº 1).

Para que as coisas sejam conhecidas pelos sentidos elas precisam ter envergadura para serem medidas. Dentre os sentidos, mais próprios para o conhecimento está o sentido da visão. Ela permite identificar “o objeto que vemos, seja ele uma pedra, seja uma chama ou qualquer outra coisa perceptível pelos olhos” (A Trindade, livro XI, cap. II, nº 2). É pelo sentido da visão que o ver tem como consequência o poder de numerar e contemplar as coisas criadas por Deus, de modo

que a vista se volta aos objetos, a fim de guardar as suas formas por meio de como elas são apresentadas aos olhos (Cf. AYOUB, 2011, p.13).

Portanto, são duas as visões: uma, a do vidente; outra, a do pensante. Para que seja possível a visão do pensante, é preciso que surja na memória, a partir da visão do sentido, certa semelhança, para a qual a visão da alma se volte ao pensar, tal como a vista se volta para os objetos para olhá-los (A Trindade, livro XI, cap. IX, nº 17).

Deus em sua criação deixou diversos vestígios percebidos pelos sentidos. Dentre esses a visão é o modo mais rico. “O que é a visão, senão o sentido informado por um objeto que depara? Embora, prescindindo da coisa visível, a visão não se dá, nem poderia se dar de forma alguma, caso não existisse um objeto a ser visto” (A Trindade, livro XI, cap. I, nº 2). A visão proporciona ao homem avistar o que antes a escuridão cobria e o que sem a iluminação divina não poderia ser visto. “Os vestígios divinos são também iluminações, porque, conforme Agostinho, Deus cria, mantém e organiza as criaturas, iluminando-as” (AYOUB, 2011, p. 17).

Os vestígios de Deus estão naquilo que pode ser medido, que pode ser numerado e que tem peso. São como que sinais da obra nas mãos do seu obreiro. Eles não são apreendidos pela carne, pelo corpo físico, mas pelo intelecto (Cf. GILSON, 2006, p. 395). E, somente pelo intelecto, o homem pode chegar à compreensão da revelação de Deus enquanto manifestação do divino na natureza que se manifesta na mente daquele que a busca e torna eficaz o conhecimento (Cf. AYOUB, 2011, p. 17). Para Agostinho, Deus é o agente iluminador de todas as criaturas (Cf. AYOUB, 2011, p. 12).

Com efeito, não é a carne o princípio, nem o é a alma do homem, mas o Verbo criador de todas as coisas. Logo, a carne não purifica por si mesma, mas pelo Verbo, que a tornou quando o Verbo se fez carne e habitou entre nós (A cidade de Deus, livro X, cap. XXIV).

O princípio não se dá na carne, menos ainda na alma, mas é o próprio Verbo o começo de todas as coisas (Cf. GILSON, 2006, p. 406). É ele aquele que criou as coisas e que permite ao homem a capacidade racional e amorosa. Sendo o Verbo o princípio, tudo o demais é sua criação e ele é ato da criação que permite ao homem ver as imagens das criaturas por sua iluminação e demonstra a verdadeira interpretação das coisas (Cf. GILSON, 2006, p. 450). Isso acontece pelo auxílio de

sua luz, que brilha pela ação da sua união enquanto Trindade sobre o homem em três dimensões: a atualização da memória de Deus, a contemplação da sabedoria com a saída do visível para o inteligível e chegando ao verdadeiramente cognoscível (Cf. XAVIER, 1989, p. 40).

[...] ao ver as imagens das criaturas, a mente é iluminada por Deus e interpreta a visão das coisas verdadeiramente, podendo, a partir da Luz que brilha no íntimo, ascender por rastros luminosos de semelhanças para ver a Semelhança em si o Filho (AYOUB, Christiane. 2011, p. 17).

O homem é criatura de Deus que é criador e imutável⁴, luz inteligível do intelecto humano e imutável. Assim a criação sofre mudanças que lhe dão caráter de mutabilidade que variam de acordo com a forma temporal e as compreende de modo racional, fruto da ação divina. A iluminação da razão humana, enquanto ação do divino proporciona conhecimentos que são eternos, necessários, bons e imutáveis e possibilita chegar a julgamentos verdadeiros. Por isso, o homem está sujeito ao conhecimento, por ser criatura (Cf. GILSON, 2006, p. 194). No entanto, mesmo sendo obra das mãos divinas, ele está sujeito ao erro, ao pecado. O ser humano tende a um conhecimento mais universal e deve usar a faculdade dada por Deus a ele, a fim de buscar o conhecer (Cf. GILSON, 2006, p. 291).

A primeira lição que se destaca dessa busca, e cujo alcance é o mais universal, é uma certa concepção do conhecimento humano; desta vez, não se trata de mais uma teoria metafísica do conhecimento, mas de uma regra prática referente à maneira pela qual o homem deve usar sua faculdade de conhecer: o que ele deve saber, como e porquê (GILSON, Étienne. 2007. p. 223).

Para Agostinho, a iluminação divina é uma ação unilateral, ou seja, ela acontece de forma parcial ao homem. É Deus quem proporciona às suas criaturas a luminosidade necessária. Ele é o principal agente iluminador. Ele, enquanto criador é “Trindade”⁵ e cada uma de suas pessoas têm uma forma de iluminação diferente. Essa iluminação acontece de forma que as criaturas tenham medida, número e peso e correspondem respectivamente a ação luminosa de Deus. De maneira que essa

⁴ “Deus, porém, não é susceptível de acidentes, e por isso, nele existe unicamente uma substância ou essência imutável” (A Trindade, livro V, cap. II, nº 3).

⁵ “A trindade é um só e verdadeiro Deus, e quão retamente se diz, se crê e se entende que o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem uma só e mesma substância ou essência” (A Trindade, livro I cap. II, nº 4).

iluminação divina culmine na acessibilidade do homem às verdades eternas (Cf. AYOUB. 2011, p. 17).

Deus é sempre o agente iluminador de suas criaturas e sua iluminação é explicada por uma estrutura metafísica e sendo ele um Deus em três pessoas distintas, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, cada uma das três pessoas tem uma ação distinta sobre as criaturas (Cf. GILSON, 2006, p. 180). Em suas criaturas, ele estabelece aspectos de semelhança e de diferenças consigo. Esses referidos aspectos de relações e de contestações, de proximidade ou distanciamentos constituem os fundamentos de toda a criação. Essas relações acontecem segundo o seu gênero, possibilitando a sua participação no Criador que faz parte de sua constituição, havendo assim, um vínculo entre Deus criador e o homem enquanto criatura sua (Cf. AYOUB. 2011, p. 17). A relação entre as criaturas e o Criador possibilita à criação aproximar-se de seu agente inventor a tal finalidade de livrar-se de sua cegueira e da escuridão que a cerca e a afasta da luz e o por vezes pode lhe impedir de ver como deveria (Cf. AYOU, 2011, p. 12).

Com efeito, se não possuíssemos o sentido antes de depararmos o sensível, seríamos iguais aos cegos, pois como eles nada enxergávamos, tal como quando cercados de escuridão ou fechados em lugar sem luz. A diferença entre nós, porém, está em que temos a possibilidade de ver, isto é, o sentido existe em nós, ainda quando não vemos o que poderíamos ver (A Trindade, livro XI, cap. II, Nº 2).

Deus, por ser o Criador de todas as coisas, está presente em tudo de forma que nele está a presença do Bem. A partir dele tudo ganha uma pequena medida e por ele é que algo pode ser predicado, recebendo sua medida, seu número e seu peso. Elementos esses que conotam e constituem a participação de Deus como Criador em suas criaturas, pois Deus é a suma medida e nele estão os vínculos existentes entre os corpos e as mentes de suas criaturas humanas (Cf. GILSON, 2006, p. 191).

Deus é aquele que é sem medidas, ele é o criador e não depende de outrem para a sua existência. Ele é o “número dos números”. É o princípio de todas as coisas. ele é o “peso dos pesos”, pois confere peso a toda a sua obra de criação e atribui ordem a todas as coisas criadas por ele, cada uma conforme a sua individualidade e segundo o seu gênero. Todas as medidas das criaturas são estabelecidas por ele,

que é o sumo ser divino e caso essas características sejam supressas da criação, nada será (Cf. AYOUB, 2011, p. 14).

Contempla o céu, a terra, o mar e todos os seres neles contidos, brilhando nas alturas ou rastejando a teus pés, voando ou nadando. Todos possuem beleza, porque têm seus números. Suprima-os e eles nada mais serão. Logo, de onde vêm eles, a não ser daquele de onde procede todo número? Visto que o ser que neles está não existe a não ser na medida que realiza os números que possui (O Livre Arbítrio, cap. 16, nº 42).

A primeira pessoa da Trindade Divina é o Pai, tudo nasce dele e é ele a origem de todas as formas, de todas as criaturas e ele lhes conferiu aptidão para receber a sua forma, pois ele dá a existência para as suas criaturas. Ao criar, ele confere às suas criaturas valores ontológicos de matéria, ou seja, ele dá a elas certo caráter de generalidade, permitindo assim a possibilidade de iluminação.

O Pai, o Filho e o Espírito são três. [...] não lhes é comum ser Pai de modo a serem mais reciprocamente, [...] Não acontece o mesmo na trindade, porque aí somente o Pai é pai, não o Pai dos outros dois, mas do Filho único. Não são três filhos, já que o Pai não é o filho nem o Espírito Santo. Não são três Espírito são três Espíritos Santos, porque Espírito Santo não é Pai e nem Filho, mas pelo próprio significado é também chamado Dom de Deus (A Trindade, livro VII, cap. IV, nº 7).

Agostinho se refere ao homem como aquele que é a imagem do Pai, pois o homem se traduz na sua imagem, por meio de uma vida plena, na presença dele se faz referência ao ser humano semelhante ao Filho, não ao Pai, mas uma imitação do Filho, como algo que se aproxima ao que o Filho é (Cf. AYOUB, 2011, p. 13). O Filho enquanto aquele que é o Verbo, cria o mundo com sabedoria⁶.

[...], se somente o Filho é a imagem do único Pai? Devido à semelhança imperfeita, como dissemos, diz-se que o homem é “à imagem” e “nossa”, para que o homem fosse imagem da Trindade, não igual à Trindade como o Filho é igual ao Pai, mas aproximativa, conforme já se disse, em certa semelhança. O mesmo acontece com relação a certas coisas que dizemos ser vizinhas, não pelo lugar, mas por certa imitação. [...] (A Trindade, livro VII, cap. VI, nº 12).

O doutor, estabelecendo certa semelhança entre as ideias de Deus e as suas criaturas, também apresenta o Filho enquanto aquele que se encarnando e passando

⁶ “Logo, o próprio Pai é ele mesmo a sabedoria e por isso é dito que o Filho é a sabedoria do pai, como também é dito que ele é Luz do Pai, ou seja, Luz da Luz” (A Trindade, livro VII, cap. I, nº 2).

pelas mesmas condições das criaturas, do ser humano, tem as mesmas sensações. Passando assim, por todos os sentimentos do homem desde a sua concepção até a sua morte (Cf. AYOUB, 2011, p. 14).

Agostinho defende que a vida feliz e a sabedoria comportam uma medida. A sabedoria de Deus, para ele é o Filho e ele é o número e ele nasce da Suma medida, essa que é intransponível, que é Deus Pai, sendo o Filho número. O Filho também é verdade e imagem perfeita do Pai e o homem é a imagem do Filho e ele é mediador para o viver e o conhecer do homem, que pelos objetos visíveis e suas medidas podem ter acesso ao que é real no que é apresentado pela visão (Cf. AYOUB, 2011, p. 16).

[...] embora seja inumerável a quantidade dessas visões, cada uma delas tem na memória uma medida intransponível. Portanto, a medida aparece na memória e o número nas visões. Assim como nos mesmos objetos visíveis existe certa medida, à qual se adapta em grande número [...] assim também uma só pessoa, devido aos dois olhos de que é dotada, pode ver uma coisa só duplicada [...] Logo existe certa medida nessas realidades que produzem a visão. E nas próprias visões existe um número (A Trindade, livro XI, cap. XI, nº 18).

Cada pessoa da Trindade tem papel fundamental, não podendo deixar fora a presença do Espírito, esse que está ligado ao peso. Cada criatura tem seu próprio peso a fim de se mover, de acordo com sua finalidade. O peso age na criatura como uma força estranha e tende a colocá-la em movimento com a finalidade do repouso e a colocá-la em organização, cada qual em seu lugar de acordo com o seu gênero, com sua espécie e com sua forma. O peso tem correlação com o ser divino (Cf. AYOUB, 2011, p. 13).

Como o peso da ordem a todos os seres, assim Deus tem a participação na sua existência. Ele é o “peso dos pesos” e pelo seu pensamento ele possibilita a participação dos seres nele e por meio da comunhão estabelecida pelo Espírito Santo que não é criado, mas é doçura do Pai e do Filho, que juntos são sabedoria “Ambos juntos são uma única sabedoria e uma única essência, já que para eles o ser identifica-se com o saber (Cf. AYOUB, 2011, p. 14). Não são, porém, ambos juntos um só Verbo ou um só Filho [...]” (A Trindade, livro II, cap. II, nº 3). O Espírito se manifesta também no amor presente em todas as criaturas e ele impulsiona a mente do homem para a busca do conhecimento (Cf. AYOUB, 2011, p. 16).

O Espírito confere o peso aos corpos que os ordena para alcançarem o repouso, cada qual em seu lugar de natureza. O peso os ordena e os coloca em movimento em busca da saciação dos seus apetites. A procura da descoberta proporcional de cada corpo terá como meta o acordo com sua própria finalidade. No ser humano o peso se manifesta no amor e nele é encontrado o bem maior que reside na fidelidade que é alcançada pela adesão a Deus (Cf. AYOUB, 2011, p. 17).

A mente humana ao conhecer-se e amar-se não conhece nem ama algo de imutável. Uma coisa é o que cada indivíduo diz verbalmente, de sua alma pessoal, quando está atento ao que experimenta em seu interior; e outra coisa a definição que dá da alma humana por conhecimento, específico ou genérico, que possua (A Trindade, livro IX, cap. VI, nº 9).

Por fim, é importante apresentar que para Agostinho toda criatura é semelhante ao Pai, pois “[...] cada homem é denominado imagem de Deus, não devido a toda a sua natureza, mas apenas quanto à mente” (A Trindade, livro XV, cap. VII, nº 12), que é doador de todo e qualquer ser (Cf. AYOUB, 2011, p. 17). O ser assemelha-se com ele pelas ideias que estão na sabedoria do Filho. Também está nas ideias que se conservam no Espírito Santo. Esses são os vestígios divinos, são iluminações. Com elas o Espírito mantém e organiza as suas criaturas, iluminando-as com sua própria memória, inteligência e amor e assim lhes permite participar de sua felicidade (Cf. GILSON, 2006, p. 406).

Tudo como se o Pai fosse sua própria memória e a do Filho e a do Espírito Santo. E o Filho fosse sua própria inteligência, a do Pai e a do Espírito Santo. E o Espírito Santo fosse seu próprio amor, e o amor do Pai e do Filho? (A Trindade, livro XV, cap. VII, nº 12).

As criaturas são de naturezas espirituais e inteligíveis, mas “em consequência de nossa condição humana, que nos converte em seres mortais e carnis, lidamos mais fácil e familiarmente com as realidades visíveis do que com inteligíveis” (A Trindade, livro XI, cap. I, nº 1). Elas são capazes de ver a sabedoria de Deus e conhecê-lo, por meio da ação dele, alcançando assim, uma maior fidelidade a ele que os torna capazes de o alcançarem e estarem presentes na sua iluminação divina. Somente por Deus é possível a iluminação do conhecimento e sem a luz divina esse é inalcançável (Cf. AYOUB, 2011, p. 15).

Quando os homens investigam sobre Deus e aplicam-se à compreensão da Trindade, dentro das limitações humanas, experimentam sérias dificuldades, seja por causa do olhar da mente que empreende a penetração de luz inacessível, seja devido aos muitos e variados modos de expressão das Escrituras sagradas, perante as quais a alma, segundo penso, deve humilhar-se, para que possa brilhar, iluminada pela graça de Cristo (A Trindade, livro II, prólogo, nº 1).

Por ser imagem divina, o homem só se faz ao seu modelo que é Cristo, aquele padrão de toda iluminação, isto é, “o conhecimento verdadeiro, porém, não será realidade senão depois desta vida, ao vermos Deus, face a face” (A Trindade, livro IX, Cap. I, nº 1). Dessa forma, a criatura se torna o que foi criada para ser, pois a imagem não tem identidade própria sem estar em relação com o ser, da qual ela é imagem. Então, a luz divina ilumina a todas as criaturas, dando a elas a possibilidade de conhecer de forma verdadeira (Cf. XAVIER, 1989, p. 46).

1.3 AS CONTRIBUIÇÕES DIONISIANAS

“Caso respondamos que a Vida em si é viva e que resplandece a Luz absoluta [...]”
(Os Nomes Divinos, Cap. II, §8, 645 D).

Dionísio Areopagita é um autor anônimo que em sua obra tenta colocar a filosofia grega a serviço da fé cristã, buscando a verdade na relação entre filosofia e teologia (Cf. BENTO XVI, Conf. 14/05/2008). Ele traz Deus enquanto aquele que ultrapassa a todas as coisas e as abarca “[...] a Deidade ultrapassa todo raciocínio e todo conhecimento, absolutamente superior à inteligência e à essência, abarcando e compreendendo-as e antecipando-as [...]” (Os Nomes Divinos, cap. I, §5, nº 592 d). Ele é luz que ilumina e é o esplendor e não há quem não se admire com o ele, pois é comparável ao sol “[...] a imagem em que se manifesta a Bondade divina, este grande sol que é toda luz e cujo brilho jamais cessa [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §4, nº 697c), por seu brilho intenso. Deus é onipotente e é reconhecido como luz por sua essência cujos raios iluminam todas as coisas, com suas palavras que são verdadeiramente luz (Cf. RAMOS, 2012, 32).

[...] o Bem em si não permanece totalmente incomunicável a todos ser, porque de sua própria iniciativa e como convém à sua bondade ele manifesta continuamente este esplendor supra essencial que nele permanece, iluminando cada criatura proporcionalmente a seus poderes receptivos [...] (Os Nomes Divinos, cap. I, §2, nº 588 c).

A figura de Deus representada pela luz é paradigmática. Ela é física, enquanto sem a sua presença não há vida; também é metafísica, dada impossibilidade de sem ela não haver horas e cores. Deus é a causa é o ato luminoso de sua criação, pois as criaturas “[...] recebem a iluminação verdadeira e sublime de sua união bem aventurada com a própria Luz, e elas a celebram como a Causa de todo ser [...]” (Os Nomes Divinos, cap. I, §5, nº 593 c). Ele derrama sobre toda a obra de suas mãos a luz da ciência, isto é a sabedoria, a vontade de buscar a verdade (Cf. RAMOS, 2012, 31).

Dionísio propõe a questão do conceito de emanção de Deus, ponto de partida, de procedência, ou melhor, de sua origem por meio da hierarquia, essa que possibilita aos mais próximos a Deus a semelhança com ele. “O fim da hierarquia é, portanto, o de conferir às criaturas, o quanto se pode, a semelhança divina e de uni-las a Deus” (A teologia mística, cap. III, §2, nº 165 a). Ele busca entender a transcendência divina que influi de forma providente as coisas de acordo com a aproximação delas para com ele de modo a realizar-se o seu valor ontológico (Cf. CARVALHO, 1996, p. 56). Ele, “[...] o próprio Deus é o princípio iluminador, por natureza, verdadeira e propriamente, enquanto essência da luz [...]” (A teologia mística, cap. XIII, §3, nº 301 d), e daquele que tem a condição divina emana a sua luz de modo hierárquico sobre todos os seres de acordo com a aproximação da criatura com seu Criador (Cf. RAMOS, 2012, 34).

Chamo de hierarquia uma ordem, um saber e um ato tão próximo quanto possível da forma divina, elevados à imitação de Deus na medida das iluminações divinas. Em sua simplicidade, em sua bondade, em sua perfeição fundamental, a beleza que convém a Deus, pura de toda dessemelhança, comunica a cada ser, segundo seu mérito, uma parte de sua própria luz, e ela o aperfeiçoa pela divina iniciativa, revestindo de sua própria forma, de maneira harmoniosa e estável [...] (A teologia mística, cap. III, §1, nº 164 d).

Dionísio afirma que o Filho do Pai, que com ele é uno, é quem dá acesso ao homem as iluminações divinas, pois “[...] invocando Jesus, luz do Pai [...], por quem temos acesso ao Pai, princípio de toda luz” (A teologia mística, cap. I, §2, nº 121 a). Na proporção que os seres estão mais próximos dele serão mais iluminados e tocados por sua luz e a refletem (Cf. CARVALHO, 1996, p. 49). A luz divina, enquanto providência tem como fonte a deidade que ultrapassa o mundo sensível e é a causa

universal que pode criar as coisas inexistentes, a partir do nada “[...] nada existe que não tenha parte nessa Providência, cuja fonte é a Deidade supra supra-sensível, a Causa primeira” (A teologia mística, cap. IV, §1, nº 177 c). Deus é a causa geradora de todas as coisas. Ele ilumina tudo e em nada perde a sua plenitude. Ele é o onipotente, o princípio de toda luz e permanece o mesmo antes e depois da criação. É dinâmico, poderoso, invisível e está presente em todos os seres (Cf. RAMOS, 2012, 35).

[...] o Bem é igualmente causa dos princípios celestes e de suas limitações, desta substância que não cresce em decresce, isenta de toda mutação, é causa também de movimento por assim dizer silencioso do imenso caminho do céu, da disposição dos astros, de sua harmonia, de sua luz, de sua fixidez e ao mesmo tempo, para alguns, da multiplicidade de seus cursos erráticos, e não menos da trajetória periódica entre os dois termos estáveis destas luminárias [...] (Os Nomes Divinos, cap. IV, §4, nº 697 b).

Bem como a Jesus, o Filho de Deus, o homem, enquanto criatura, também é de filiação divina por ser fruto de sua ação. Toda e qualquer atividade intelectual é resultado dessa filiação que é fundamentalmente perfeita e que dela transcendem as inteligências (Cf. CARVALHO, 1996, 53).

[...] todo o poder próprio de nossa atividade intelectual limita-se a compreender que Paternidade divina e Filiação divina provêm para nós, como também os poderes supra-celestes, de um dom dessa Paternidade e dessa Filiação fundamentais e perfeitamente transcendentem pelas inteligências que se conformam com Deus [...] (Os Nomes Divinos, cap. II, §8, nº 545 b, 545 c).

Deus é perfeito e coeso e as suas perfeições se encontram nas suas criaturas, “[...] de modo que tudo tende para ela como seu princípio, centro de coesão e perfeito acabamento [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §4, nº 700 a). A participação delas para com ele, na condição de divino significa dizer participação na sua unidade, na sua verdade, na sua bondade e na sua beleza divinas (Cf. RAMOS, 2012, p. 36). Ele é “Sumo Bem” por essência. A processão de suas criaturas não altera em nada a sua imutabilidade, mas ao contrário mostra o seu ser divino como o fecundador de todas as coisas. A criatura não somente procede de Deus, como também tende a retornar a ele. Deus é imutável e causador de todo movimento e repouso e ele difunde a luz. Essa que é procedente do poder do Pai e seu poder atrai as criaturas a ele e as eleva, e tudo é reunido nele (Cf. GILSON, BOEHNER, 1991, p. 55).

[...] Deus permanece em si idêntico a si, que tem sua fonte estável em sua imutável identidade [...] age sobre objetos idênticos, que subsiste total e indefectivelmente em si e por si, que é totalmente imutável e isento de todo movimento [...] Com efeito, ele próprio é a causa de todo repouso e de toda estabilidade, pois ele se situa para além da estabilidade e do repouso, e é nele que tudo é reunido [...] (Os Nomes Divinos, cap. VIII, §8, nº 916 b).

Deus difunde os raios de sua bondade de acordo com a capacidade de recepção que cada ser possui “[...] enquanto Bem essencial, estende sua bondade a todo ser” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §1, nº 693 b). Quanto mais próximo da fonte o ser estiver, mais é influenciado por ela. Assim ele difunde a sua bondade à maneira de uma efusão luminosa. A luz é entendida na sua perspectiva metafísica. O ser Criador que mantém as coisas no seu ser. Deus é a causa primeira e última, eficiente e final. É causa exemplar de todas as perfeições. As coisas refletem o brilho de sua luz primeira. Suas criaturas jamais poderão possuir beleza própria fora dele, pois é impossível que haja coisas belas sem a Beleza divina e sem que Deus distribua de inteira bondade e intenção as irradiações de sua luz (Cf. RAMOS, 2012, 36).

Como nosso sol, com efeito, sem reflexão nem intenção, mas em virtude de seu próprio ser, ilumina tudo o que existe em medida, segundo à proporção que convém a cada um de participar nesta luz [...] e é a todos os seres que, proporcionalmente às forças deles, distribui as irradiações de sua inteira bondade (Os Nomes Divinos, cap. IV, §1, nº 693 b).

Deus na sua condição de Criador convida e atrai para si as suas criaturas e nelas existe um desejo natural que tende ao retorno para ele, uma elevação natural, ou seja, o modo consciente com que a criatura busca chegar a Deus (Cf. CARVALHO, 1996, p. 101). Isso acontece por meio das luzes naturais que transbordam dele que é a luz imaterial “E é para esta luz que tendem todas as realidades sensíveis, para dela receber seja o poder de ver, seja o movimento, a iluminação, o calor [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §5, nº 700 b). Logo, suas perfeições são invisíveis e se tornam visíveis para a sua criação por ação própria do ser divino (Cf. RAMOS, 2012, 42).

Por meio das realidades visíveis, os olhos dos humanos são capazes de refletir diretamente a ação do sol sobre elas conforme a proporção a qual se colocam diante da divindade e elas sem ele não seriam capazes, pois a iluminação é fruto de sua própria atuação o nosso sol (Cf. RAMOS, 2012, p. 42). “Com efeito, sem reflexão nem intenção, mas em virtude de seu próprio ser, ilumina tudo o que existe em medida, segundo a proporção da luz [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §1, nº 693 b).

Desse modo, pela iluminação divina, o homem pelo olhar e por intermédio da divindade com sua luz alcança a participação naquele que é o fulgor intelectual de todas as coisas “[...] aperfeiçoa, converte-os ao Ser absoluto e desviando-os das pluralidades [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §5, nº 701 b).

O ser humano precisa do auxílio divino para conhecer e buscar em si e nas demais obras da criação os sinais visíveis e neles conhecer o que é invisível (Cf. GILSON, BOEHNER, 1991, p. 104). Assim, pelas coisas naturais é que o homem sai da ignorância e da divisão e se eleva as coisas sobrenaturais e à contemplação do sagrado. “Como a ignorância divide aqueles que se desviaram, também a presença da luz inteligível agrupa e reúne aqueles que ela ilumina [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §5, nº 701 b).

Os símbolos denotam as realidades superiores e freiam a tendência natural do homem para o material, ajudando a alma a buscar algo que a possa alimentar em seu desejo por algo superior. Em Dionísio, por exemplo, a beleza é aquela que significa o bem (Cf. RAMOS, 2012, p. 44). O bem “é chamado Luz Inteligível porque cumula todas as inteligências supracelestes com luz inteligível, porque ele dissipa toda ignorância [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §5, nº 700c, 700 d). Esse bem, por sua vez, é louvado através da beleza transmitida por Deus a todos os seres pela sua emanção. Nesse sentido a luz divina possui interdependência com a estética, pois Deus é considerado luz imaculada e sublime de esplêndida e inefável beleza. A luz é manifestação de bem, beleza, amor e Amabilidade e por isso ela aparece com clareza e esplendor de modo a acontecer pela proximidade com Deus, enquanto causa que reúne tudo isso em um só (Cf. RAMOS, 2012, p. 41).

Este Bem é [...] Belo, Beleza, Amor, Amável, e de todos os outros nomes divinos adequados a este frescor que é fonte de beleza e pleno de graça. Seguramente não é necessário confundir “belo” e “beleza” desde que ao menos não se considere esta Causa que se reúne tudo em um [...] (Os Nomes Divinos, cap. IV, §7, nº 701 c).

A luz inteligível do bem é a fonte de toda iluminação e se difunde plenamente em toda inteligência. “Luz inteligível este Bem que está além de toda luz, porque é fonte de toda iluminação e difunde o mais pleno de sua luz sobre toda inteligência [...]” (Os Nomes Divinos, cap. IV, §6, nº 701 a). A beleza e a luminosidade podem ser físicas, intelectuais ou espirituais e possuem relação uma para com a outra. Quando se diz que algo é belo, não se fala somente da sua proporcionalidade ou harmonia

entre suas partes, mas também por sua transcendência e luminosidade, não ficando somente nas aparências (Cf. CARVALHO, 1996, p. 11).

O conceito metafísico e estético de belo, que Dionísio apresenta, tem perspectiva ontológica, ou seja, o belo é consistente do esplendor da forma e está proporcionado à matéria. A beleza está ligada à forma pelo esplendor e ligada da “Causa universal procedem também as essências inteligíveis e inteligentes dos anjos que vivem em conformidade com Deus” (Os Nomes Divinos, cap. V, §8, nº 821 c) e a ordena, permanecendo-a idêntico a si mesma (Cf. RAMOS, 2012, p. 32).

Se é verdade que aqui embaixo todas as essências e todas as qualidades que pertencem ao sensível, por mais numerosas e variadas que sejam, devem ao sol único que permanece idêntico a si mesmo e que espalha uniformemente uma só luz iluminadora, o fato de renascer, nutrir-se, aquecer-se, reproduzir-se, diversificar-se, permanecer estável, gerar, se mover e viver [...] (Os Nomes Divinos, cap. V, §8, nº 824b, 824 c).

A Iluminação divina é a emanção imperceptível exalada de Deus e ele é o princípio que dá forma e dá brilho a todas as coisas criadas e as faz resplandecer a sua divindade e dá nobreza à matéria. Pela sua iluminação Deus diferencia um ser do outro e os torna inteligíveis, permitindo compreendê-los bem. O próprio Deus ilumina o intelecto do homem e fecha o ciclo de iluminação sobre as criaturas que dele descendem e tendem a retornar a ele. Dele emana a beleza e ela não está ligada somente ao âmbito natural. Sendo o belo uma questão de estética e ele não se reduz à ordem individual (Cf. RAMOS, 2012, p. 41).

Ele é, com razão, princípio da luz e, portanto, é demasiado pouco chamá-lo luz, reunindo em si e concentrando a totalidade dos seres dotados de inteligências e de razão. Como a ignorância divide aqueles que se desviaram, também a presença da luz inteligível agrupa e reúne aqueles que ela ilumina, aperfeiçoa, converte-os ao Ser absoluto e desviando-os da pluralidade das conjecturas, restabelecendo a variedade de suas visões [...] (Os Nomes Divinos, Cap. I, §6, 701b).

Deus permite aos homens por meio do processo dialético chegar ao bom entendimento e assim serem instruídos pela fé nele. Desse modo, eles podem perceber a beleza enquanto divina dentro do processo hierárquico. Sua iluminação acontece pelo processo de participação do homem na naturalidade com o divino e permanece nele, enquanto ser que se difunde nas suas criaturas (Cf. RAMOS, 2012, p. 44).

Os transcendentais, ser e uno, bondade e beleza dizem da elevação a Deus pela estética, pois a criatura passa por uma purificação, pela iluminação com a finalidade de chegar à perfeição e união com Deus. Assim, a luz inacessível e cheia de mistérios, que absolutamente são intangíveis e invisíveis, inunda de belíssimos esplendores as mentes cegas de sua criação. O homem por sua natureza precisa do ser, como participante, e nele encontra o belo e permanece à procura da “fonte da luz” que é a primeira e a última luz (Cf. RAMOS, 2012, p. 44).

2 A BUSCA DA LUZ COMO MÉTODO PARA CONHECER A VERDADE

Começo por invocar o primeiro Princípio, isto é, o eterno Pai, “Pai das Luzes, fonte de todo conhecimento, de toda dádiva e de todo dom perfeito” (*Itin.*, prólogo, nº 1).

Os estudos realizados no capítulo anterior poderão agora ajudar na compreensão do *Itinerarium Mentis in Deum* de Boaventura de Bagnoregio. Nessa obra ele propõe um caminho em que o homem pode chegar a Deus que é detentor da verdade, por meio da pessoa do seu Filho que é caminho da verdadeira sabedoria (Cf. SILVA, 2021, p. 81)

Boaventura era da escola de filosofia franciscana e é considerado como doutor seráfico. Em sua obra ele oferece um caminho em que a alma, inicialmente guiada pela sua razão, começa a buscar a mais beatíssima verdade sobre o Sumo Bem. Deus é o centro de todo esse caminho em busca da razão e Boaventura acredita em um Deus que não é dissociado da razão, mas ao contrário, pela razão ele manifesta a sua revelação (MERINO, FRESNEDA, 2006, p. 69).

No *Itinerarium mentis in Deum*, Boaventura consegue estabelecer relação entre a filosofia e a teologia, entre fé e razão, usando da ciência a serviço da mística, a fim de buscar o Princípio primeiro, ou como ele chama o “Pai das Luzes” (*Itin.* prólogo, nº 1). Marcando uma era em que aponta Deus como fonte de todo o conhecimento. Ele acreditava que os filósofos caíram na escuridão da ciência filosófica e não recorreram a ela como dom de Deus, mas somente destino da existência humana por causa de sua autossuficiência e não recorreram à fé como instrumento de acesso à claridade do saber (Cf. FERNANDES, 2013, p. 58).

Boaventura acredita num Deus revelação que se revelou a Francisco de Assis, que inaugurou uma nova fase da história, com seu modo peculiar de buscar viver uma experiência mística com seu Criador. Ele via em Francisco a esperança de um mundo novo, pois Francisco se destacava, era um fenômeno e tinha a máxima certeza na inesgotável palavra que a figura de Cristo representava (Cf. BENTO XVI, conf. 10/03/2010).

A filosofia busca a total compreensão do homem, pois ele não é somente intelecto ou vontade, mas é também dotado de sensibilidade que deseja chegar à verdade, essa que Boaventura acredita que se manifesta por meio da Luz Divina. Assim, seu *Itinerarium* traz a síntese do pensamento do homem medieval que tinha

um ardor místico que por vezes caminhava com o desejo especulativo do homem por conhecimento (Cf. BOEHNER e GILSON, 1991, p. 442 a 443).

Todo o itinerário parte de Deus, passa pelas criaturas por ele criadas e retorna a ele e tem como meta a contemplação, resultado do caminho de elevação a Deus que tem início na busca por ele, pelos seus vestígios no mundo sensível, nas potências da alma humana, na unidade de seus nomes principais, Ser e Bem. E por fim, no êxtase de sua inteligência, onde o homem encontra repouso e é onde Deus está.

[...] as seis asas do serafim podiam muito bem simbolizar as seis elevações ou iluminações progressivas, pelas quais nossa alma, com que por certos degraus ou vias, dispõe-se à posse da paz através dos arrebatamentos extáticos da sabedoria cristã (*Itin.*, prólogo, nº 3).

Todo este percurso é meio de iluminação divina na alma humana em que a luz, sendo ação de Deus, se torna, em sua obra, como aquela que tem caráter de dom sobrenatural e que pode iluminar a mente humana no caminho de busca do conhecimento. Assim o homem pela iluminação concedida pela divindade pode chegar ao seu repouso que é a experiência da contemplação (Cf. *Itin.*, 2019, prefácio de Ghisalberti).

O itinerário bonaventuriano é composto de seis degraus em que o homem se exercita para chegar à contemplação de Deus que é o máximo do conhecer. Desde o primeiro degrau ao último que é o sétimo o homem busca o conhecimento mais verdadeiro. O conhecer se dá na busca de subida dos degraus que culminam no êxtase mental e mítico em que a mente humana repousa de modo pacífico. Boaventura chama de o lugar de repouso da alma de “Jerusalém interior” (*Itin*, cap. VII, nº 1). Mas para chegar a esse repouso é preciso antes de tudo, que o homem abandone se esforce por deixar o mundo sensível e continue em direção adiante, degrau por degrau (Cf. SILVA, 2021, p. 92).

Se agora procuras saber como isto acontece, pergunta-o à graça e não à ciência; ao desejo e não à inteligência; ao gemido da oração e não aos estudos dos livros; ao esposo e não ao mestre; a Deus e não ao homem; às trevas e não à claridade [...] Este fogo é de Deus e sua fornalha está em Jerusalém. É Jesus que o acende com o fervor de sua Santíssima Paixão (*Itin.*, cap. VII, nº 6).

O homem, enquanto criatura, precisa abandonar os sentidos naturais, da intelectualidade, as coisas sensíveis e invisíveis e tudo mais que o impeça de chegar ao ser divina ser (Cf. *Itin.*, cap. VII, nº 4 e 5).

2.1 OS VESTÍGIOS DE VERDADE NO MUNDO SENSÍVEL

A fera assim me fez, que não sossega;
 Pouco a pouco me investe até lançar-me
 Lá onde o sol se cala e a luz me nega.
 (ALIGHIERI, inferno, canto 1, nº 20).

Boaventura, em seu *Itinerarium*, proporciona um caminho para a elevação da mente do homem a Deus. O percurso se compõe de degraus reforçados de reflexões de cunho lógico, mas não somente, sua obra também traz traços de espiritualidade, ajudando no desvendamento dos mistérios divinos. Ele propõe a alma que pode chegar a contemplar a Deus, se seguir gradativamente os degraus deste itinerário que passam do mundo sensível à visão completa do divino (Cf. AFONSO, 2011, p. 50).

O primeiro degrau possibilita ao homem a elevação pela contemplação divina nos vestígios da criação, ou seja, no mundo sensível, pois ele por si mesmo não pode alcançar a inteligência se não for concedida pelo Ser divino. Para sua elevação ele precisa buscar uma virtude superior “[...] para elevarmo-nos acima de nós mesmos, temos necessidade de uma virtude superior” (*Itin.*, cap. I, nº 1). Deus é o Ser por excelência, é a essência de todas as coisas e perfeitamente imutabilidade. Sendo Ele o criador de todas as coisas ele as criou não igual a ele, mas com graus diversos que se dispõem em uma hierarquia que se dá na participação de seu Ser (Cf. GILSON, 2007, p. 398).

Boaventura apresenta Deus como o criador de todas as coisas e é ele a fonte de irradiação e fluxo de luz que promove e possibilita a mente do homem a agir de forma cognitiva, ou seja, é Deus quem revela ao homem a ideia por ser ele o ordenador de toda a criação (Cf. AFONSO, 2011, p. 119). Assim o homem não pode por si mesmo buscar a iluminação, ao contrário ele precisa da graça divina como auxílio para encontrar entre a obra da criação os vestígios de Deus que é princípio, estabelecendo relação entre a criatura e o criador (Cf. AFONSO, 2011, p. 120).

Para o Doutor Seráfico, o universo criado pode apresentar-se de três maneiras de serem, criaturas corpóreas, incorpóreas e humanas que por sua vez é composta

de corpo e espírito. Assim a criação divina pode se relacionar com seu criador pelos vestígios, pela imagem e pela similitude delas em relação a ele. Deus é vestígio enquanto princípio primeiro. É imagem quando se reporta que Deus é o próprio objeto e, por fim, a similitude que se dá na relação com o divino enquanto dono da graça (Cf. CAROLI, 2008, p. 482).

Com efeito, na atual condição de nossa natureza, o universo é a escada pela qual acendemos até o Criador. Ora, entre os seres criados, alguns são o vestígio do Criador, outros ao invés, são sua imagem. Alguns são materiais; outros são espirituais. Alguns são temporais; outros, eviternos (*Itin.*, cap. I, nº 2).

Toda a iluminação da mente ocorre por ação da Trindade em que o Pai é *lux*, a fonte luminosa. O Filho é *splendor*, difunde a fonte de luz paterna. Por fim, o Espírito Santo emana da união do Pai com o Filho “[...] tríplice substância de Jesus Cristo, nossa verdadeira escada, isto é, com o seu corpo, com sua alma e com sua divindade” (*Itin.*, cap. I, nº 3.). O Filho sendo a segunda pessoa da Trindade é para Boaventura, a verdadeira escada de elevação a Deus (Cf. AFONSO, 2011, p. 130). Ele é tri-substancial e enquanto ser divino é corpo, alma e divindade e por ele o homem tem três principais vias de elevação. Na primeira, ele pode olhar sobre as coisas exteriores a ele; na segunda ele pode olhar sobre si mesmo; por fim, na terceira, ele olha acima de si mesmo. Por essas vias, o homem chega ao Ser divino que o criou com toda sua mente, de coração e de alma. Contrapondo assim a dualidade platônica, ele associa um elemento a mais, na constituição antropológica, não sendo somente corpo e alma, mas mente, corpo e alma (Cf. AFONSO, 2011, p. 132).

Na primeira, olha sobre as coisas corporais e exteriores – pelo que se chama “animalidade” ou sensibilidade. Na segunda, olha sobre si mesma – e se chama, por isso, espírito. Na terceira, olha acima de si mesma – e se denomina “mente” (*Itin.*, cap. I, nº 4).

O Filho, proporciona ao homem chegar à elevação a Deus, por ele o homem sendo, um “pequeno mundo” (*Itin.*, cap. I, nº 5), será conduzido a uma ordem e perfeita contemplação (Cf. *Itin.*, cap. I, nº 4). A elevação acontece pelas potências da alma humana: sentidos, imaginação, razão, entendimento, inteligência e o ápice da mente humana que é a sua inclinação para o bem ((Cf. *Itin.*, cap. I, nº 6).

O homem pelo pecado foi corrompido e voltou-se para os bens perecíveis e se inclinou pelas coisas sensíveis e deixou de lado o Bem de é seu Criador. Ficou cego para o Ser e se tornou incapaz de ver a luz e permaneceu nas trevas (Cf. FERNANDES, 2013, p. 52). O Filho é princípio e nele está a possibilidade de o homem ir contra a sua concupiscência, buscando sua integridade e podendo assim, dissipar as trevas da ignorância. Quando na presença da luz do Filho e fora da escuridão há então o acesso à ciência e a sabedoria “o princípio da retidão da vontade e da iluminação da inteligência” (*Itin.*, cap. I, nº 8).

Deus enquanto Criador se revela na sua criação pelos seus sentidos corporais e externos pelos olhos da fé que desvela a origem das coisas, de modo que esses servem à inteligência e nela o homem reconhece no mundo a sua origem. Em um segundo momento a contemplação, permite ao homem, considerar a existência das demais criações também por meio da fé (Cf. SILVA, 2021, p. 93). Assim, pelo raciocínio que permite ele chegar ao ponto mais alto, mais excelente de sua potência (Cf. *Itin.*, cap. I, nº 11).

[...] a inteligência, prosseguindo suas indagações com o raciocínio, repara que alguns seres não possuem senão a existência, outros possuem a existência e a vida, e outros têm a existência, a vida e o discernimento (*Itin.*, cap. I, nº 13).

Com os olhos da fé, o homem tem, como revelação, a origem do mundo pela ação do Verbo (Cf. *Itin.*, cap. I, nº 12). Pela relação com a Trindade que se manifesta “o ser, a vida, a inteligência, uma natureza espiritual, incorruptível e imutável” (*Itin.*, cap. I, nº 13). A Trindade está no eterno e se move fora da temporalidade e do espaço. Suas criaturas estão dentro dos limites das suas medidas e por isso estão dentro no alcance de sua grandeza e assim a criação está relacionada à imagem e ao amor divino (Cf. AFONSO, 2011, p. 216). Por meio das medidas da imagem e do amor divino é que ele se revela para a sua criação, que por sua vez, ele nela manifesta a sua potência de presença e de essência, sem ser afetado por ela, mas imprime nelas as suas próprias dimensões de comprimento, largura e profundidade e assim elas ganham caráter de medida.

[...] elevando-nos a Ele por meio dos seres que compõem o universo e que são como que vestígios do Criador, ou contemplando-o existente nos mesmos seres pela sua essência, pela sua potência e pela sua presença (*Itin.*, cap. I, nº 13).

No segundo degrau do itinerário, a percepção de Deus acontece pelos sentidos corporais que são portas para a alma experimentar como o mundo externo se compõe. Entendendo assim as substâncias que geram esses sentidos. Todavia, a visão permite conhecer a forma das coisas, mas esse conhecimento somente é possível pela luz que permite que a percepção aconteça, seguida do juízo que é feito de tal mundo (Cf. BELLEI, 2006, p. 52).

[...] sendo exteriores e materiais, não entram pela sua substância material, mas unicamente pela sua semelhança ou imagem. Esta imagem se forma primeiramente num lugar intermédio e distinto. Daí passa para os órgãos externos. Estes a transmitem ao sentido interno e daqui passa à faculdade apreensiva (*Itin.*, cap. II, nº 4).

O Verbo de Deus é incriado, imutável, luz e princípio de todo e qualquer ser bem como do conhecer. Ele se manifesta em sua própria capacidade de ser múltiplo, matéria e forma, ato e potência e ele se estende a todas as criaturas. Assim o homem precisa buscar a sua purificação para deixar-se ser iluminado pelo Verbo, a fim de nele impondo-se como verdade evidente, luz imutável e sem defeitos que ilumina a todos os seres em seus juízos criados e mutáveis, pelos seus vestígios (Cf. MERINO, FRESNEDA, 2006, p. 73). Assim o homem deixa entrar na sua inteligência a imagem dos objetos. Essa imagem é depurada pelas três operações da alma, a saber: pela percepção das coisas sensíveis, pelo prazer experimentado por ela e pelo juízo que ela faz dos objetos que a alma pôde depurar (Cf. *Itin.*, cap. II, nº 2). Desse modo é que o homem, graças a uma iluminação natural a ele, pode ter acesso ao conhecimento sobre as coisas, que são apresentadas nas imagens. (Cf. FERNANDES, 2013, p. 60).

Ora, tais atividades são vestígios nos quais podemos contemplar a Deus como tantos outros espelhos. – Com efeito, a imagem percebida é uma semelhança do objeto gerada num lugar intermédio e impressa depois no órgão, a qual, por meio dessa impressão, induz-nos ao conhecimento de seu princípio [...]. Consequentemente, este processo nos indica com evidência que também a Luz gera de si mesmo uma imagem ou um esplendor que lhe é consubstancial e coeterno (*Itin.*, cap. II, nº 7).

A percepção de Deus se dá primeiramente pelo conhecimento das coisas que o homem pode conhecer no mundo sensível. O Criador está presente em toda a criação como que num espelho, que para refletir a sua imagem precisa ser límpida ao ponto de permitir o seu reconhecimento. O Filho, Verbo emanado, é o reflexo primeiro

e a beleza por excelência do Pai presente na criação (Cf. *Itin.*, cap. II, nº 7 e 8). Quanto às coisas sensíveis percebidas pelos sentidos corporais, elas são dispostas de maneira que Deus se faz presente nas suas criaturas e mantém cada criatura com suas próprias características, segundo a qual a alma pode julgar pelo sentido (Cf. *Itin.*, cap. II, nº 10).

O prazer se dá na busca pela beleza e suavidade de Deus que é a verdade na qual está a felicidade sublime, porque ele é a razão de todas as coisas, a luz verdadeira em que “[...] brilham todas as criaturas de uma maneira infalível, indelével, indubitável, irrefutável, invariável, ilimitável [...] indizível e intelectual” (*Itin.*, cap. II, nº 9). A luz, portanto, é princípio primeiro, potentíssimo, sapientíssimo e origem eterna de toda a beleza; não somente porque ela está em todas as realidades sensíveis e intelectuais que se pode aprender, para Boaventura, a beleza é a causa da razão da proporção (Cf. *Itin.*, cap. II, nº 6).

O juízo é o ato de entrada da imagem na inteligência para que a partir da depuração segundo um método redutivo a alma possa fazer considerações indubitáveis e infalíveis sobre os objetos, partindo de seus vestígios corpóreos e buscando os princípios de verdade presente neles (Cf. AFONSO, 2011, p. 280). A luz é meio possível para a distinção de todas as criaturas, tornando visíveis aos olhos os sinais que permitem a distinção das formas e das cores sob suas ilustrações. A diferenciação acontece de três maneiras: *lux*, que é a origem de todo movimento conseguindo chegar até os lugares de mais profunda escuridão e mesmo nesses lugares gerando vida; *lumen*, que se transporta através dos espaços por meios translúcidos, como o vidro que apesar de ser uma superfície sólida, não é detentor da luz, mas que a luz pode ultrapassar as suas barreiras; por fim, *splendor* que é o reflexo iluminativo do Criador nos corpos da criação (ECO, 1987, p. 69).

Portanto, nas realidades sensíveis há vestígios do Criador e de sua perfeição e por elas se começa o caminho de ida em busca do conhecimento que se manifesta pela inteligência, na alma intelectual. Deus é quem permite o conhecimento sobre si e sua condição incriada, invisível e sua beleza se reflete na criação.

2.2 A IMAGEM E SEMELHANÇA DA VERDADE NA ALMA

A luz dos santos astros rutilante
De fulgor tanto lhe aclarava o gesto,

Que o vi, como se o sol lhe fosse adiante.
(ALIGHIERI, purgatório, canto 1, nº 13).

Boaventura apresenta no terceiro degrau do *Itinerarium Mentis in Deum* as potências da alma: a memória, a inteligência e a vontade. Primeiramente, convém tratar sobre a memória que é a recordação no tempo presente é retoma a imagem das coisas que são corpóreas, temporais, contingentes e simples, por exemplo. A memória também pode guardar coisas do passado como lembranças e pode chegar ao futuro por previsões (Cf. *Itin.*, Cap, III, nº 2). Assim, a memória tem esses três aspectos fundamentais como princípios e meios pelo qual a razão usa para a compreensão da verdade, tendo em si a prova de que o homem é a imagem e a semelhança de Deus, pois nela ele está presente em ato e potência de ser e traz consigo a luz imutável que conserva as lembranças da verdade.

Retendo atualmente todas as coisas temporais – passadas, presentes e futuras – a memória nos oferece a imagem da eternidade, cujo presente indivisível estende-se a todos os tempos – Retendo as coisas simples, mostra que estas ideias não lhe vêm somente das imagens exteriores, mas também de um princípio superior e que ela tem em si mesmo noções que não podem derivar dos sentidos ou das imagens sensíveis. Retendo os princípios e os axiomas das ciências faz-nos ver que a memória traz em si mesma a luz imutável, sempre presente, na qual conserva a lembrança das verdades que nunca mudam. – As atividades da memória provam, portanto, que a alma é a imagem e semelhança de Deus. Pela memória a alma está de tal modo presente a si mesma e Deus lhe está igualmente tão presente, que em ato o conhece e é potencialmente “capaz dele e de ser participante” (*Itin.*, cap. III, nº 2).

A luz que reflete a imagem de Deus no homem é uma dádiva divina, pois ele mesmo na condição de Criador está em relação com a sua criação. Na relação do Pai com o Verbo é que a luz, enquanto princípio de todos os seres, possibilita o conhecer. O ser Criador e incriado se deixa transparecer nas suas criaturas. Por isso, o homem para conhecê-lo começa a reconhecer seus vestígios na criação, mas, para avançar no caminho que culmina no repouso do intelecto, precisa dar um passo no abandono do mundo sensível e esforçar-se para encontrar a Deus nele mesmo. De modo a poder encontrá-lo dentro de si a alma lembra-se de si mesma e a sua inteligência aprende as coisas que estão na sua memória. Nesse caminho interior, o homem converte-se, ou seja, o homem iluminado pela graça de Deus consegue reconhecê-lo presente na sua própria alma. Portanto, a busca de Deus da alma é em imagem de Deus e assim

o destino da alma é um processo que orienta o homem para a percepção de suas capacidades cognitivas (Cf. MERINO, FRESNEDA, 2006, 73).

Para Boaventura, Deus é a Verdade essencial, tanto no ponto de vista lógico, quanto no ontológico. Para ele, Deus é a luz imutável que brilha na alma. Nesse espaço de iluminação, o homem pode conhecer as verdades que, estão sempre presentes na sua alma. A inteligência, que é também uma das potências da alma, proporciona a capacidade de compreensão e definição em relação aos objetos. Dessa forma o homem pode conhecer as propriedades das coisas e “[...] para conhecer bem o ser em si, é preciso conhecer suas propriedades, isto é, a unidade, a verdade e a bondade” (*Itin.*, cap. III, nº 3).

A busca da luz somente pelos vestígios da verdade presente no mundo sensível não é suficiente. O homem precisa da inteligência, na potência da alma, pois meio dela descobre a origem e finalidade das coisas. Nos primeiros degraus no *Itinerarium* pela visão, o homem auxiliado pela luz podia reconhecer os vestígios da verdade no mundo sensível. Nos degraus mais elevados o homem tem acesso a verdade pela inteligência. Ela é a capacidade de compreensão das proposições verdadeiras e reais, quando tem a certeza em si que essa não poderia ser falsa, mas certamente uma verdade “[...] a nossa inteligência compreende realmente uma proposição, quando sabe com certeza que é verdadeira. E saber isso é saber verdadeiramente, porque se tem certeza de não se enganar” (*Itin.*, cap. III, nº 3).

A alma do homem não pode desenvolver por si só todo o seu potencial intelectual por causa de sua mutabilidade. Por isso a alma necessita do auxílio divino, ou seja, ela precisa da condição imutável de Deus. Com o intermédio da luz divina que a ilumina e que tem a capacidade de iluminar as todas as outras coisas. Dessa forma para conhecer e chegar a uma conclusão válida sobre as proposições e premissas percebidas pela inteligência do homem, faz-se necessária a iluminação de Deus. O homem tem existência material e precisa estar além de sua situação de contingência, por isso é necessário que ele esteja num estado de ligação com a Verdade eterna que com sua luz o ilumina e lhe dá certeza do conhecer em sua alma (Cf. SILVA, 2021, p. 93).

A seguir, a vontade também é uma das potências da alma atuante no processo cognoscível. Ela tem certa aproximação com o juízo e o desejo, parte da deliberação entre a coisa melhor, e a necessidade de estado de perfeição. Contudo,

sua referência principal é o Bem Supremo. A vontade está sempre sedenta de proximidade com o bem e para ele é sempre atraída de tal maneira que não pode amar qualquer outra coisa que não seja ele mesmo (Cf. BELLEI, 2006, p. 64).

A vontade traz consigo o desejo, que é a ânsia por aquilo que a alma ama e que lhe dá felicidade. No entanto, Boaventura acredita que a felicidade do homem é encontrada somente no Sumo Bem, que é o seu fim último, pois o homem é atraído para ele (Cf. *Itin.*, cap. III, nº 4). “Tanta é a atração do Sumo Bem, que a criatura nada pode amar sem desejá-lo” (*Itin.*, cap. III, nº 4).

Pelas capacidades intelectivas dadas por Deus seu Criador, é que sua alma alcança a verdade. As três potências da alma, memória, inteligência e vontade são a manifestação da luz divina são um espelho no qual a luz divina se manifesta e, de modo límpido e harmonioso reflete a beleza daquele que criou todas as coisas. A ordem mútua entre as potências da alma já são é em si mesma manifestação divina conforme aquele que lhe deu origem, de maneira que ela esteja em harmonia em todo o seu ser (Cf. BELLEI, 2006, p. 42).

A ordem, a origem e a mútua relação dessas três faculdades nos conduzem até à sua própria Santíssima Trindade. – Efetivamente, da memória nasce a inteligência, que é como sua filha, porque entendemos só quando a imagem do objeto conservado pela memória se reflete na inteligência [...] a mente que gera, o verbo e o amor – existem na alma como memória, inteligência e vontade, as quais são consubstanciais, coexistentes, coiguais e se compenetrar mutuamente (*Itin.*, cap. III, nº 5).

Deus enquanto luz infinita é totalmente cognoscível em si, de modo metafísico ele se mostra aos seres criados, mas de modo especial se deixar aparecer através das faculdades da alma. A alma do homem é o meio ontológico de acesso a realidade divina (Cf. MERINO, FRESNEDA, 2006, p. 162).

O Criador se manifesta nas suas criaturas, que são o espelho onde sua imagem é refletida. Hora, o homem é imagem de Deus, mas precisa da ajuda das luzes das ciências para conhecer. Boaventura demonstra a existência de uma hierarquia do conhecimento na qual há uma íntima relação com as três pessoas divinas, isto é, da Santíssima Trindade. A filosofia natural é o primeiro conhecimento que trata da causa do ser e se divide em metafísica, matemática e física. Ela busca a essência das coisas, seja pelas substâncias ou pelos números, conduzindo ao princípio primeiro, ou seja, a Deus Pai. Em seguida a filosofia racional é o segundo

conhecimento que se divide em gramática, lógica e retórica, tornando o homem capaz de transmitir conhecimentos, argumentar sobre eles e passá-los adiante (Cf. SILVA, 2021, p. 87). A filosofia racional se refere ao Verbo, ou seja, a Deus Filho. Por fim a filosofia moral é o terceiro conhecimento que pode ser individual, familiar ou política, tendo por finalidade estabelecer a ordem do viver e se refere a Deus Espírito Santo. Todas estas ciências possuem seus princípios certos e infalíveis e são luzes que ajudam o homem a elevar-se à verdade eterna (Cf. *Itin.*, cap., III, nº 7).

No quarto degrau do *Itinerarium* Boaventura recorda que o homem sendo finitude, dispõe da inteligência para conhecer as coisas, mas somente pode alcançar a certeza do seu conhecimento pela iluminação da primeira verdade que é Deus. É no intelecto, então que o homem chega à contemplação de Deus, por meio da colaboração de sua luz refletida na alma, que é a sua imagem (Cf., MERINO, FRESNEDA, 2006, p. 74).

Para conhecer o princípio primeiro, é necessário que o homem deixe as preocupações e a distração exterior, que se distancie da realidade sensível, e seja capaz de entrar no seu interior, na realidade inteligível, e encontrar-se com o divino, que ali se manifesta, pois a alma “imersa nas coisas sensíveis, torna-se impotente para encontrar em si mesma a imagem de Deus” (*Itin.*, cap. IV, nº 1). Dessa forma a alma pela luz divina é renovada.

A razão é o meio rigoroso pelo qual o homem pode entender de forma lógica as relações dadas pela inteligência, estabelecendo a possibilidade de fundamentação do conhecimento. Ela é luz verdadeira e regra infalível de todas as coisas que sejam acessadas pelo intelecto. No entanto, ela por si mesma não permite ao homem recolher-se em si para experimentar a pessoa do Verbo que é a fonte da verdade eterna. A razão, por si só, não obtém êxito na busca do princípio primeiro, pois ela se deixa seduzir pelas paixões e se submerge nas coisas sensíveis (Cf. BELLEI, 2006, p. 100).

A razão, porém, é fácil de se compreender. A alma humana, distraída pelas preocupações da vida, não entra em si mesma pela memória. Obscurecida pelos fantasmas da imaginação, não se recolhe em si mesma por meio da inteligência. Seduzida pelas paixões, não volta mais a si mesma pelo desejo da doçura interior e da alegria espiritual (*Itin.*, cap. IV, nº 1).

A razão *a posteriori* concede certo rigor científico, bem como, permite ao homem o conhecimento dos objetos de maneira mais iluminada e certa. No entanto,

para essa eficácia ela precisa da luz do Verbo, pois essa constitui a própria condição de conhecer *a priori*, de modo que assim se construa o corpo dos conhecimentos (Cf. BELLEI, 2006, p. 100).

É Deus quem fornece as virtudes da alma, purificando-a, iluminando-a e a tornando perfeita. Boaventura aponta uma hierarquia presente na alma conforme os nove coros dos anjos. Dessa forma os três primeiros falam da natureza da alma humana, os três seguintes dizem de suas atividades e os últimos três revelam a graça divina nela atuante. Nesta última hierarquia, a alma é ajudada pelas Sagradas Escrituras, diferente das duas anteriores que era ajudadas pela filosofia (Cf. SILVA, 2021, p. 95).

A sagrada escritura para Boaventura é instrumento de purificação, de iluminação e perfeição. Ela traz em si elementos de moral que purifica o homem e o ensina a viver honestamente, pois ela “ilumina, esclarecendo nossa inteligência; e o sentido analógico, que aperfeiçoa nossa alma, impulsionando-a para sair de si mesma e para degustar as suaves delícias da sabedoria divina” (*Itin.*, cap., IV, nº 6). Os ensinamentos das Sagradas Escrituras é a luz do Verbo que ilumina a razão humana e capacita o homem ao conhecimento que conhece (Cf. *Itin.*, cap., IV, nº 5 e 6).

2.3 A CONTEMPLAÇÃO DE DEUS COMO A SUMA VERDADE

A glória de quem tudo, aos seus acenos,
Move, o mundo penetra e resplandece
Em umas partes mais em outras menos.
No céu onde sua luz mais aparece [...]
(ALIGHIERI, paraíso, canto I, nº 1 e 2).

No quinto degrau se dá a contemplação de Deus, por meio da qual a alma conhece a realidade divina no seu principal nome que é o ser. No primeiro e segundo degraus do *Itinerarium Mentis in Deum*, homem pode conhecer a presença de Deus, fora de si, nos vestígios divinos deixados na criação, no mundo sensível; depois, nos terceiro e quarto degraus, o homem reconhece, por meio da imagem do Verbo que nele se manifesta, a divina presença na sua alma, na realidade inteligível. Por fim, nos quinto e sexto degraus, o homem tem acesso à verdade ao ser iluminado pela luz divina (Cf. *Itin.*, cap. V, nº 1).

Boaventura no *Itinerarium* trata da busca do homem pela iluminação divina, de maneira a lhe possibilitar a capacidade de alcançar as perfeições invisíveis e eternas de Deus. O homem olha para Deus enquanto ser. Olha para Deus como o bem em si mesmo. Portanto, é na presença real de Deus que o homem pode ter a mais absoluta certeza sobre existência divina. Ser é o primeiro nome da essência divina que pode ser contemplado de forma verdadeira. Não é possível considerar a não existência de Deus, pois somente ele é puríssimo ser e não pode não ser e a sua total compreensão se dá quando o homem fixa o seu olhar no ser (Cf. SILVA, 2021, p. 96).

Quem, pois, deseja contemplar as perfeições invisíveis de Deus referentes à unidade de sua essência, fixe primeiro sua atenção sobre o Ser mesmo. Verá que o Ser mesmo comporta em si tal absoluta certeza, que é impossível concebê-lo como existente. Porque o ser puríssimo exclui essencialmente no pensamento o não ser [...] (*Itin*, cap. V, nº 3).

Da mesma maneira que o ser por ser puríssimo não pode não ser, o não ser não pode ser nem mesmo em ato ou mesmo em potência, pois o não ser é o nada que é a privação do ser. O homem só pode conhecer o ser porque tudo o que lhe é cognoscível somente o é pelo ser em si, ou pela sua potencialidade de ser ou pelo ato puro, e é ele o primeiro possível de ser conhecido (Cf. *Itin.*, cap. V, nº 2 e 3).

Para Boaventura a cegueira da inteligência humana se dá em não conceber a Deus como a verdade, ou preferir habitar na escuridão e não contemplar a luz que emana de Deus. A luz é de origem divina e por isso possibilita a visão de todas as coisas que Deus criou (Cf. SILVA, 2021, p. 96). O olho da alma humana precisa atentar-se aos particulares e aos universais, mas iluminado pela luz daquele que é transcendente a todo gênero, o próprio Deus. Boaventura diz que o olho do homem “é semelhante ao olho do morcego diante da luz” (*Itin.*, cap. V, nº 4), pois o olhar humano está habituado às trevas dos seres criados, ou seja, o mundo sensível; por isso, o homem tem dificuldade para ver e contemplar o esplendor divino (Cf. AFONSO, 2011, p. 284).

Não pense que esta escuridão profunda é a mais brilhante das iluminações para o nosso espírito, assim como o olho do corpo, não enxergar a luz pura, parece-lhe não ver nada (*Itin.*, cap. V, nº 4).

O Doutor Seráfico acredita na possibilidade do conhecimento de Deus que é o ser puríssimo. Deus não é derivado de outro, ou seja, ele não recebe a existência de outro ser, mas ao contrário, ele é o primeiro e, a partir dele, tudo começou a existir do nada. Ele é princípio e fim; é puro ser e absoluto. Deus é ser por essência e nada lhe é acrescentado. Ele é puro ato sem presença alguma de potência. De modo diferente, no homem coexistem o ser em potência em ato (Cf. BELLEI, 2006, p. 73).

Com efeito, se Deus é o ser por excelência, é absolutamente primeiro. Por ser absolutamente primeiro, não foi feito por outro nem muito menos por si mesmo. É, pois eterno. Se é primeiro e eterno, por isso mesmo exclui toda composição. Portanto, é simplicíssimo. Por ser primeiro, eterno e simplicíssimo, por isso mesmo não há nele mistura alguma de ato e de potência. É, por conseguinte, atualíssimo. Por ser primeiro, eterno e simplicíssimo e atualíssimo é, por isso, perfeitíssimo: nada lhe falta e nada lhe pode ser acrescentado. Por ser primeiro, eterno, simplicíssimo, atualíssimo e perfeitíssimo, é soberano uno (*Itin.*, cap. V, nº 6).

O nome de Deus é ser e ele é eterno e é “impossível que não exista ou que não seja um só” (*Itin.*, cap. V, nº 6). O homem olha para a eternidade de Deus de modo simples e por ela será iluminado, ou seja, pela luz de Deus, na qual o homem pode conhecer (Cf. *Itin.*, cap. VI, nº 7). Deus é a causa eficiente da existência e da razão do homem, pois ele é aquele que tem a ordem da vida.

Segundo Boaventura, Deus é o ser puríssimo, absoluto e fonte de todo mundo inteligível, pois “[...] sendo simplicíssimo ao máximo, é tudo em todas as coisas e é tudo fora delas mesma” (*Itin.*, cap. VI, nº 8). Deus está intrínseco a todas as coisas, ainda que essas sejam múltiplas, ele permanece um só. No entanto, mesmo presente na multiplicidade da criação, ele não é incluso a todas as coisas. Ele tem poder de comunicação com todas as coisas, por ele criadas, mas não seu ser não se confunde com o ser das criaturas. Logo, pode-se afirmar que Deus se comunicam com toda a criação (Cf. AFONSO, 2011, p. 334). Ao conhecer o ser divino, a alma encontra a luz que ilumina o conhecimento do ser de todas as coisas.

No sexto degrau se dá a contemplação de Deus como Trindade, por meio do seu nome divino de bem. Deus é aquele que convida o homem a voltar a sua inteligência para seu mistério mais elevado: o mistério da Trindade. Desse modo, ao contemplar do mistério de Deus que é Pai, Verbo e Espírito Santo, o homem encontra a fonte da iluminação que lhe possibilita conhecer as coisas sobre si (Cf. SILVA, 2021, p. 96 e 97). Dentre as questões fundamentais sobre Deus, destaca-se a indagação

sobre o seu ser. Para Boaventura, o bem é concebido como o nome principal de Deus. É pela ideia de bem que o homem deve e pode contemplar a Deus, aquele que segundo o Doutor Seráfico é uno e trino. Ele afirma que Deus é o sumo bem e nele está a ideia de um bem verdadeiro ao alcance do homem. Pela contemplação de Deus em seu mistério mais sublime, isto é, a Trindade, que o homem encontra a luz que ilumina toda a criação, tornando-a cognoscível à inteligência humana (*Itin.*, cap. VI, nº 1 e 2).

[...] é impossível concebê-lo retamente como não existente [...] para termos a ideia exata do Sumo Bem, é preciso concebê-lo como trino e uno [...] a suma divisão, porém, deve ser, necessariamente, atual e intrínseca, substancial e pessoal, natural e voluntária, livre e necessária, indefectível e perfeita (*Itin.*, cap. VI, nº 2).

No pensamento bonaventuriano, Deus é o bem, aliás, o sumo bem. O ser divino é uno e trino: um só Deus, em três pessoas, Pai e Filho (Verbo) e Espírito Santo. Ele é o sumo bem que se difunde a si mesmo nas criaturas e isso não poderia ser diferente, pois a difusão do bem é pela própria vontade divina (Cf. SILVA, 2021, p. 97). Ele é o bem que se difunde no intelecto do homem dando-lhe acesso à verdade. O conhecimento é transmitido ao intelecto humano pela luz divina que lhe chega de modo desinteressado e gratuito (Cf. *Itin.*, cap. VI, nº 2).

Na Trindade, de fato, temos uma suma comunicabilidade lado a lado com o caráter próprio de cada pessoa, a suma consubstancialidade lado a lado com a pluralidade das pessoas, a suma semelhança lado a lado com a distinção, a suma igualdade lado a lado com a ordem, a suma coeternidade lado a lado com a processão, a suma intimidade lado a lado com a missão das pessoas (*Itin.*, cap. VI, nº 3).

A Trindade é um só Deus em três pessoas, ou seja, são três pessoas divinas com uma só substância na unidade de um único ser. Cada uma das pessoas divinas tem a sua forma de ser separadamente e podem iluminar o homem possibilitando-lhe o conhecimento da verdade. Mas, para que a alma seja iluminada, ela necessita considerar as perfeições divinas. Tal consideração se dá no encontro do Verbo com o humano, quando acontece a purificação do homem que, como um espelho de forma límpida, reflete a imagem de seu Criador (Cf. *Itin.*, cap. VI, nº 3 e 4).

Boaventura discorre sobre Deus de modo paradoxal, indicando que ele é perfeito e simples e está em todos os lugares sem estar contido a qualquer lugar ou criatura. Deus é imóvel e jamais movido. Ele é infinito e nele está toda a verdade e todo bem (Cf. BELLEI, 2006, p. 40). O *Itinerarium mentis in Deum* é uma metodologia para se chegar ao conhecimento buscando a luz que ilumina todo o ser. Ora, essa luz na concepção bonaventuriana é a Trindade divina. Por isso, ele afirma que o Pai é o princípio de tudo e uniu a sua criação pela encarnação da pessoa do Verbo, que “é a imagem do Deus, invisível por natureza” (*Itin.*, cap. VI, nº 7), no qual o homem alcança, junto ao Pai, a perfeição de suas iluminações a fim de contemplar a verdade do ser e repousar sua mente na ideia do bem.

Por fim, o Doutor Seráfico propõe um caminho gnosiológico que conduz o homem ao conhecimento verdadeiro sobre a causa de todas as coisas. Deus é o fim do *Itinerarium* e seu Filho, o Verbo, é meio pelo qual o Espírito Santo ilumina o homem, dando-lhe a inteligência necessária para manter-se no percurso que culminará no repouso da mente em Deus, seu Criador.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Esse trabalho teve por objetivo entender a busca da luz como método gnosiológico no *Itinerarium mentis in Deum*, obra mais lida e comentada de Boaventura de Bagnoregio. Para a compreensão da doutrina bonaventuriana fez-se necessário a recapitulação da filosofia de Platão, Agostinho de Hipona e Pseudo-Dionísio Areopagita, mencionados no primeiro capítulo. Verificou-se por meio deles que a questão da luz não é uma novidade de Boaventura, mas ao contrário, outros já haviam chegado a essa busca.

Platão usa do mito da caverna para tratar do assunto. Para ele a ideia de Bem é a da questão principal da qual o homem depende para o entendimento sobre o ser de todas as coisas. O sol é a luz máxima que ilumina todas as realidades inteligíveis e sensíveis e a sua claridade pode permitir a libertação da escuridão da caverna. Iluminado pelo sol é que o homem conhece de fato o que as coisas são e como são. A luz para Platão é um terceiro elemento existente entre o olhar do homem e o objeto. É a luz que possibilita o conhecimento sobre a forma e a matéria das coisas.

Na concepção de Agostinho o conhecimento do homem, criatura de Deus, acontece por intermédio do próprio Deus, seu Criador. Para ele, o conhecimento se dá em Deus, ou seja, para conhecer verdadeiramente o homem precisa chegar ao interior de sua alma onde está Deus, pois ele é causa, origem e princípio de todas as coisas. Assim o homem é iluminado por aquele que tem condição divina, pois Deus se faz presente na alma. Logo, o intelecto só pode conhecer quando Deus age, atuando como princípio luzente no seu ser interior.

O Areopagita também afirma o homem como criatura de Deus e, como Agostinho propõe a busca pela luz divina como método para aquisição do conhecimento. É em Deus que o homem, participando da sua essência, chega à verdade sobre as coisas e suas causas, ou seja, Deus é o ser que ilumina a alma a tal ponto que ela chega ao conhecimento da verdade.

Para este fim, recorre-se à luz de Deus como meio para a alma chegar ao conhecimento sobre as coisas. O sistema filosófico bonaventuriano apresenta condições para a caminhada do homem ao conhecer pela analogia da escada e identifica nos seus degraus a busca do conhecimento, a saber: primeiramente pelos vestígios de Deus na criação; e em seguida, pela presença de Deus nas faculdades

da alma, ou seja, na memória, na vontade, na inteligência. Em suma, pela contemplação de Deus, como o fim último da alma e o repouso de seu intelecto.

A análise destes autores permitiu que o presente texto pudesse ter uma “base” para a busca da compreensão metodológica do pensamento filosófico. Assim pode-se chegar ao *Itinerarium* de Boaventura em que ele apresenta o modo como o homem pode chegar à verdade e alinhar-se ao seu Criador. No pensamento boaventuriano o *Itinerarium* funciona como método pelo qual o homem busca a luz de Deus para iluminar-se. Para ele, o fim último da iluminação do homem se dá na Trindade divina. Somente quando o homem se propõe ao caminho gnosiológico é que ele é conduzido ao conhecimento verdadeiro sobre as causas de todas as coisas. Assim, o homem num *Itinerarium* por esforço próprio deixa que as iluminações divinas lhe permitam chegar à contemplação da verdade enquanto consequência de sua relação com o seu Criador.

Por meio da proposta de Boaventura é possível percorrer um caminho em que o homem pode, pela presença de Deus nele, fazer um percurso em busca de conhecimentos e acesso à verdade. Desse modo, o trabalho confirmou um caminho gnosiológico que conduz o homem a Deus, causa de todas as coisas e fim último. Sendo assim, o *Itinerarium* acontece pela ação da Trindade que ilumina o homem, e lhe dá a inteligência necessária para o caminho e, no fim da escada de elevação a Deus, o repouso da mente humana.

A pesquisa permitiu ver em Boaventura a realização genuína da perspectiva filosófica franciscana, ou seja, há no seu pensamento a sistematização do equilíbrio entre fé e razão. A sua doutrina é uma compreensão racional sobre o que Francisco de Assis sentiu e viveu. Boaventura afirma a necessidade de conhecimento presente no homem, pois ele deseja conhecer o que de fato é a verdade. Assim, o intelecto humano precisa aprofundar sua visão, resultado da iluminação divina, na experiência que começa a partir da busca dos vestígios de Deus no mundo sensível. Dessa forma, o conhecimento verdadeiro se dá na emanção na presença de Deus na alma, que por meio da ação divina no intelecto permite o conhecimento de todas as coisas.

Boaventura acredita que visão é o meio sensível que favorece a busca da verdade nas coisas. Contudo, esse tipo de conhecimento é superficial porque é imediato e elaborado pelas sensações. Na condição de criatura, o homem deseja conhecer seu Criador. Ele busca conhecer a verdade sobre a sua causa, isto é Deus e

procura conhecê-lo por meio de duas vias que lhe são possíveis: a fé e a razão. Boaventura se insere no conjunto dos pensadores medievais que elaboraram a fundamentação da fé com linguagem racional. A sua grande certeza é que Deus é Criador e é luz que ilumina toda a inteligência humana, possibilitando-lhe contemplar a Deus como o Ser e o Bem. A contemplação de Deus em sua essência é a luz máxima que tornam claras todas as realidades, como o sol a iluminar todas as suas criaturas.

Em pesquisas futuras, pode-se aprofundar o caminho intelectual presente no *Itinerarium mentes in Deum*, conciliando-o com elementos artísticos como a arquitetura e a iconografia cristã, a fim de promover por meio de valores estéticos e éticos o cultivo da intelectualidade. Vale recordar que a doutrina bonaventuriana foi decisiva como influência para pensadores posteriores, tanto na escola franciscana quanto noutros ambientes acadêmicos. A filosofia de Boaventura tem muito a contribuir para os dias atuais. Assim como o terceiro elemento citado por Platão, as expressões artísticas que podem servir de meios luminosos para expressar o pensamento bonaventuriano, que indica um itinerário de encontro da criatura com seu Criador e, nesse encontro, está a possibilidade de conhecimento da Verdade.

REFERÊNCIAS

Obras citadas

- PSEUDO-DIONÍSIO, o Areopagita. **Obra completa**. Tradutor: Roque Aparecido Frangiotti. São Paulo. Paulus. 2004.
- Platão. **Diálogos**: o Banquete, Fédon, Sofistas, Político. Tradução: José Cavalcante de Souza (O banquete). Jorge Paleiket e João Cruz Costa (Fédon, Sofista, Político). 1972. Abril Cultural. São Paulo.
- Santo Agostinho. **A Trindade**; Tradução: Augusto Belmonte, revisão e notas: Nair de Assis Oliveira. São Paulo. Paulus. 1994. Patrística.
- Platão, **A República**: Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: EDUFPA, 2000.
- Bento XVI. Audiência geral, quarta-feira, 14 de maio de 2008. Dionísio Areopagita. **Santa Sé**. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080514.html> Acesso em: 03, agosto de 2022.
- RAMOS, Felipe de Azevedo. Luz, esplendor e beleza em Pseudo-Dionísio Areopagita. **Lumen Veritatis - Revista tomista | Filosofia Teologia - Tomás de Aquino**, [S.l.], v. 5, n. 20, p. 30-46, ago. 2014. ISSN 1981-9390. Disponível em: <<https://lumenveritatis.org/ojs/index.php/lv/article/view/182>>. Acesso em: 17 set. 2022.
- Ayoub, Cristiane. N. Abbud. Agostinho e a Iluminação Trinitária. **Revista Archai, Retrieved from**, n. 7, jul/dez. (2011). pp. 11-23. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8247>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- XAVIER, Maria Leonor L. de Oliveira. A iluminação em “De Magistro” de Santo Agostinho. **Didaskalia**, v. 19, n. 1, jan. 1989, pp. 35-46. Disponível em: <<https://doi.org/10.34632/didaskalia.1989.901>>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- Bento XVI. Audiência geral, quarta-feira, 27 de fevereiro de 2008. Santo Agostinho de Hipona. **Santa Sé**. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080514.html> Acesso em: 03, agosto de 2022.
- Bento XVI. Audiência geral, quarta-feira, 9 de janeiro de 2008. Santo Agostinho de Hipona. **Santa Sé**. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080110.html> Acesso em: 03, agosto de 2022.
- LEBRUN. Gérard. **Sombra e luz em Platão**. In: NOVAES, Adalton (Org.). O Olhar Ed. Schwarcz. São Paulo. 1989

- DELCOMMINETTE, Sylvain. A segunda navegação de Sócrates e dialética. **Revista Archai**, n. 16, pág. 183, 2015. DOI: 10.14195/1984-249X_16_10. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8646>. Acesso em: 17 set. 2022.
- PAVIANI, Jayme. Notas sobre o conceito de Virtude em Platão. **Veritas (Porto Alegre)**, [S. l.], v. 57, n. 3, p. 86–98, 2012. DOI: 10.15448/1984-6746.2012.3.11135. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/11135>. Acesso em: 17 set. 2022.
- SILVA, Anderson Sampaio. Metafísica da luz na obra *Itinerário da mente para Deus* de São Boaventura. **Logos e Cultura**, Academia Multidisciplinar de Iniciação Científica. Fortaleza. v. 1, n. 2. pp. 81-100. 2021.
- Bento XVI. Audiência geral, quarta-feira, 10 de março de 2010. São Boaventura de Bagnoregio. **Santa Sé**. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20080516.html> Acesso em: 04 agosto de 2022.
- FERNANDES, Marcos Aurélio. O confronto de São Boaventura com A Filosofia nas Conferências de Paris sobre Os Dez Mandamentos e sobre Os Sete Dons do Espírito Santo. **Coniunctio**. Curitiba. Ano 2. n. 2. 2013. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/banca/confronto-de-sao-boaventura-com-a-filosofia-nas-conferencias-de-paris.html#gsc.tab=0>> Acesso em: 18 de outubro de 2022. pp. 51-68.
- BELLEI, Ricardo José. A Questão da Interioridade no *Itinerarium Mentis in Deum* de São Boaventura. **Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande do Sul**, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Porto Alegre. 2006. Disponível em <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2796/1/385153.pdf>> Acesso em 10 de novembro de 2022.
- ECO, Humberto. **A arte e beleza na estética medieval**. Tradução de: Mario Sabino Filho; Revisão Técnica de: Roberto Romano. Rio de Janeiro. Globo. 1989.
- AFONSO, Filipa Maria Oliveira de Almeida. Figuras da Luz: Uma Leitura Estética da Metafísica de São Boaventura. **Universidade de Lisboa Faculdade de Letras Departamento de Filosofia**. Doutorado em Filosofia. 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/3745>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.
- BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**, Desde as Origens até Nicolau de Cusa: Tradução: Raimundo Vier. Paraná. Petrópolis. 1991. 5ª Edição.
- CARVALHO, Mário Santiago. **Pseudo-Dionísio, Areopagita**: Teologia Mística. Fundação Eng. Fntónio de Almeida, Porto - Portugal 1996.

- GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**: Romance da História da Filosofia. Tradução: João Azenha JR. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

- BAGNORAGIO, **Boaventura. Itinerário da Mente para Deus**. Tradução e notas de: Jerônimo Jerkovic e Luis Alberto de Boni. Prefácio de: Alessandro Ghisalberti. Petrópolis. Vozes. 2012. (Clássicos da Espiritualidade).

- ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. Tradução de: J. P. Xavier Pinheiro. Martin Claret. São Paulo. 2005.

- VÍRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de: Tassilo Orpheu Spalding. Nova Cultural. São Paulo. 2002.

- CAROLI, Ernesto. **Dizionario Bonaventuriano**. Padova. Editrici Francescane. 2008

Obras consultadas

- AFONSO, Felipa. Lux e Lumen – A tradução eriugeniana do conceito de $\phi\acute{\omega}\varsigma$. **Scintilla**. Curitiba. Vol. 10. p. 53-71. jul./dez. 2013.

- HARADA, Hermógenes. Reflexões marginais acerca do hilemorfismo. **Scintilla**. Curitiba. vol. 8. n. 2. p. 189-200. Jul./dez. 2011.

- Scintilla. vol. 8. n. 1. Jan./jun. 2012.

- NUNES, Ruy Afonso da Costa. São Boaventura e Aristóteles. **Cadernos de História e Filosofia da Educação**, FEUSP. (publ. orig. no Vol. IV (2001), No. 6, dos *Cadernos*). Disponível em: <www.hottopos.com/videtur15/ruy.htm> acesso em: 15/02/2022.

- ASOR ROSA, Alberto. L'influenza della resistenza nella letteratura italiana contemporanea. In: BIANCHINI, Andrea; LOLLI, Francesca (Org.). Letteratura e resistenza. Bologna: Cooperativa Libraia Universitaria Editrice, 1997.

- GILSON, Etienne. **A Filosofia da Idade Média**. Tradução de: Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2001.

- GILSON, Etienne. **Introdução ao pensamento de Santo Agostinho**. Tradução: Cristiane Nogueira Abbud Ayoub. Eds. Discurso Editorial, Paulus. São Paulo. 2006.

- CRESTA, Gerald. Luz, iluminación y verdad en el *De triplici via* de San Buenaventura. Universidad Católica Argentina. **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 34, n. 1, p. 19-27, Jan-Jun, 2012. Disponível em: <10.4025/actascieduc.v34i1.15340> Acesso em: 25 de outubro de 2022.

- BAGNOREGIO, Boaventura. **Conferência sobre os dez mandamentos**. Tradução: Tiago Gadotti, coordenação de: Sidney Silveira. Concreta. Porto Alegre. 2018.

- GILSON, Étienne. **The Philosophy of Saint Bonaventure**. Translated from the French by: Dom Illtyd Trethowan and F. J. Sheed. Cluny. 1988
- PLATÃO. **O Banquete**. Tradução e notas de: Donaldo Schuler. L&PM Editores.
- Dicionário filosófico. Voltaire. Tradução de Ciro Miranda e Antonio Geraldo da Silva. São Paulo. Lafonte. 2018.
- POMPEI, Alfonso. **La Filosofia Cristiana di San Bonaventura**. Miscellanea Francescana. Roma. 1996.
- TEODOLDI, Fabio Massimo. **La Dottrina dei Cinque Sensi Spirituali in San Bonaventura**. Pontificium Athenaeum Antonianum. Roma. 1999.